

conexão Literatura

Fanzine nº 06
Dezembro / 2015

Distribuição Gratuita

Entrevistas
Lançamentos
Livros

© Walt Disney Pictures e Imagineer Digital, LLC

Especial Charles Dickens

Um Conto de Natal



Conheça o livro "Feliz Natal"

Leia também uma entrevista especial com Neyd Montingelli



Retrospectiva

Um breve resumo sobre os principais acontecimentos literários de 2015

E mais: O Universo de Mary Shelley

SUMÁRIO

Editorial, por Ademir Pascale - pág. 03
Publicidade: Livro “Feliz Natal”, pela patrocinadora Neyd Montingelli - pág. 04
O Universo de Mary Shelley, por Ademir Pascale - pág. 05
Publicidade: Livro “Luz & Sombra”, por Aldo Costas Sketch - pág. 10
Retrospectiva 2015, por Cesar Silva - pág. 11
Publicidade: E-book “Poção Mágica”, por Boris de Pedra - pág. 16
Especial Charles Dickens, por Ademir Pascale - pág. 17
Publicidade: “Conexão Literatura” - pág. 19
Vencendo os brancos na escrita, por Prof. Osmar Eduardinho - pág. 20
Publicidade: “Mostra de Cinema Edgar Allan Poe” - pág. 21
Ser ou não ser lendário? - Conheça as lendas por trás de Hamlet, por Amanda Leonardi - pág. 22
Entrevista com Neyd Montingelli - pág. 25
Entrevista com Boris de Pedra - pág. 27
Entrevista com M. R. Terci - pág. 33
Entrevista com Pedroom Lane - pág. 39
Publicidade “O Segredo da Rosa”, por Dione Souto Rosa - pág. 43
Conto “O Melhor Presente de Natal do Mundo”, por Ricardo de Lohem - pág. 44
Conto “A Herança de Julia Brito”, por Miriam Santiago - pág. 46
Conto “Papai Noel”, por Misa Ferreira - pág. 48
Conto “Herói morto ou herói vivo?”, por Neyd Montingelli - pág. 50
Conto “Candabul”, por Boris de Pedra - pág. 52
Conto “Micro Desumanidades”, por Amanda Leonardi - pág. 54
Saiba como participar da próxima edição de Conexão Literatura - pág. 57

EXPEDIENTE

Ademir Pascale
Editor, capa e arte

Amanda Leonardi
Conselheira Editorial

Angelo Tiago de Miranda
Conselheiro Editorial

PARTICIPAM NESTA EDIÇÃO

Ademir Pascale
Misa Ferreira
Dione Souto Rosa
M. R. Terci
Osmar Eduardinho
Ricardo de Lohem
Amanda Leonardi

Miriam Santiago
Boris de Pedra
Cesar Silva
Neyd Montingelli
Aldo Costas Skech
Pedroom Lane

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição de Conexão Literatura, acesse:
www.fabricadeebooks.com.br/participar_de_conexao_literatura.html

EDITORIAL

Nesta edição de nº 6, homenageamos Charles Dickens, com o seu excelente e propício “Um conto de Natal”. O jornalista Cesar Silva cuidou da retrospectiva 2015 de alguns dos principais acontecimentos literários. Amanda Leonardi, nossa nova conselheira editorial, faz sua estreia com o texto “Ser ou não ser lendário? — Conheça as lendas por trás de Hamlet”. O leitor também poderá conferir “O Universo de Mary Shelley”, excelentes contos, matérias e entrevistas. Agradeço imensamente aos leitores e suas mensagens positivas de sucesso. Tenho certeza que 2016 será repleto de ótimos textos e novos livros.

Para comentários, sugestões, possíveis parcerias e mais informações, escreva para: pascale@cranik.com

Para divulgar essa edição de nº 06, use os links:
http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura.html e
http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura6.pdf

Tenha uma ótima leitura e um Feliz Natal!

Ademir Pascale
Editor





Livro
Feliz Natal
poesias

Neyd Montingelli
Isabel Furini

*Um excelente presente para
o seu Natal*



Para adquirir o livro, acesse:

www.neydmontingelli.com.br

O UNIVERSO DE MARY SHELLEY

Por Ademir Pascale

pascale@cranik.com



NO INÍCIO ERA PROMETEU

Poderemos comparar o Dr. Victor Frankenstein ao titã grego Prometeu, que apoderou-se do fogo divino de Zeus, outorgando aos homens comuns a evolução perante aos outros animais e assim como o ser supremo, também gozava da criação humana. Furioso, devido ao roubo do fogo divino, Zeus castigou Prometeu e o acorrentou ao cume do monte Cáucaso, dando livre arbítrio para um terrível abutre dilacerar o seu fígado que sempre se regenerava, devido a sua imortalidade. Zeus pronunciou o castigo a Prometeu por 30.000 anos, mas, o condenado foi libertado por Hércules que deixou em seu lugar o deus da medicina, o centauro Quíron,

pois este já estava condenado devido a uma ferida eterna causada por uma flecha terrivelmente envenenada.

Em uma atitude nobre, Quíron transfere sua imortalidade pela libertação de Prometeu, com a intenção de acabar com o seu sofrimento devido a dor da ferida eterna que possuía.

Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) a autora da obra "Frankenstein", inspirou-se na lenda de Prometeu. O título da obra era "Frankenstein" ou "O Moderno Prometeu". Levantei uma conjectura demais interessante: e se Mary Shelley não for a real autora, criadora da obra "Frankenstein"? Estive analisando o

conteúdo da obra "Frankenstein" e ligando alguns fatos interessantes.

VAMOS AOS FATOS.

Antes de apresentar os fatos, gostaria de fazer um breve comentário a respeito do poeta inglês, Percy Bysshe Shelley (1792-1822). Percy era casado com Harriet Westbrook e ao mesmo tempo, namorado de Mary Wollstonecraft. Um triste dia, Harriet descobriu a traição e, claro, não aceitou. Impulsivamente, ou quem sabe num gesto de desespero, Percy abandona a esposa gestante e foge com Mary para o continente. Dois anos depois do ocorrido, mais precisamente em 1816, Harriet ainda não conformada com a traição, suicida-se e, sabendo da tragédia, Percy não perde tempo e se casa com

Mary.

PRIMEIRO FATO: na trama "Frankenstein", o pai da horrenda criatura, Victor Frankenstein, era ridicularizado pelos mestres de sua universidade, devido ao grande interesse pela Alquimia, considerada ultrapassada em sua época. Na vida real, o poeta Percy, esposo de Mary, foi expulso da faculdade de Oxford depois de publicar um panfleto sobre a necessidade do ateísmo (doutrina dos ateus. Falta de crença em Deus). Percy arruinou sua carreira acadêmica, mas defendeu suas ideias. Note a semelhança neste fato entre o personagem Victor Frankenstein e Percy Bysshe Shelley.

SEGUNDO FATO: o suicídio da primeira esposa do poeta Percy, Harriet. Quando amamos alguém que se vai, não pensamos como seria bom a eternidade da vida humana e às vezes não ficamos descrentes no ser supremo? Na obra "Frankenstein", Victor Frankenstein não teve a terrível ideia de dar vida a um ser inanimado depois da morte de sua mãe?

TERCEIRO FATO: Percy tinha ideias não convencionais. Uma grande prova deste fato é a admiração pelo autor William Godwin (1756-1836), também possuidor de ideias não convencionais e pai de sua segunda esposa, Mary, além de ter sido expulso da universidade por defender o ateísmo, ideia que ia contra os

conceitos da universidade de Oxford. Para a época, a obra "Frankenstein", não seria uma obra não convencional?

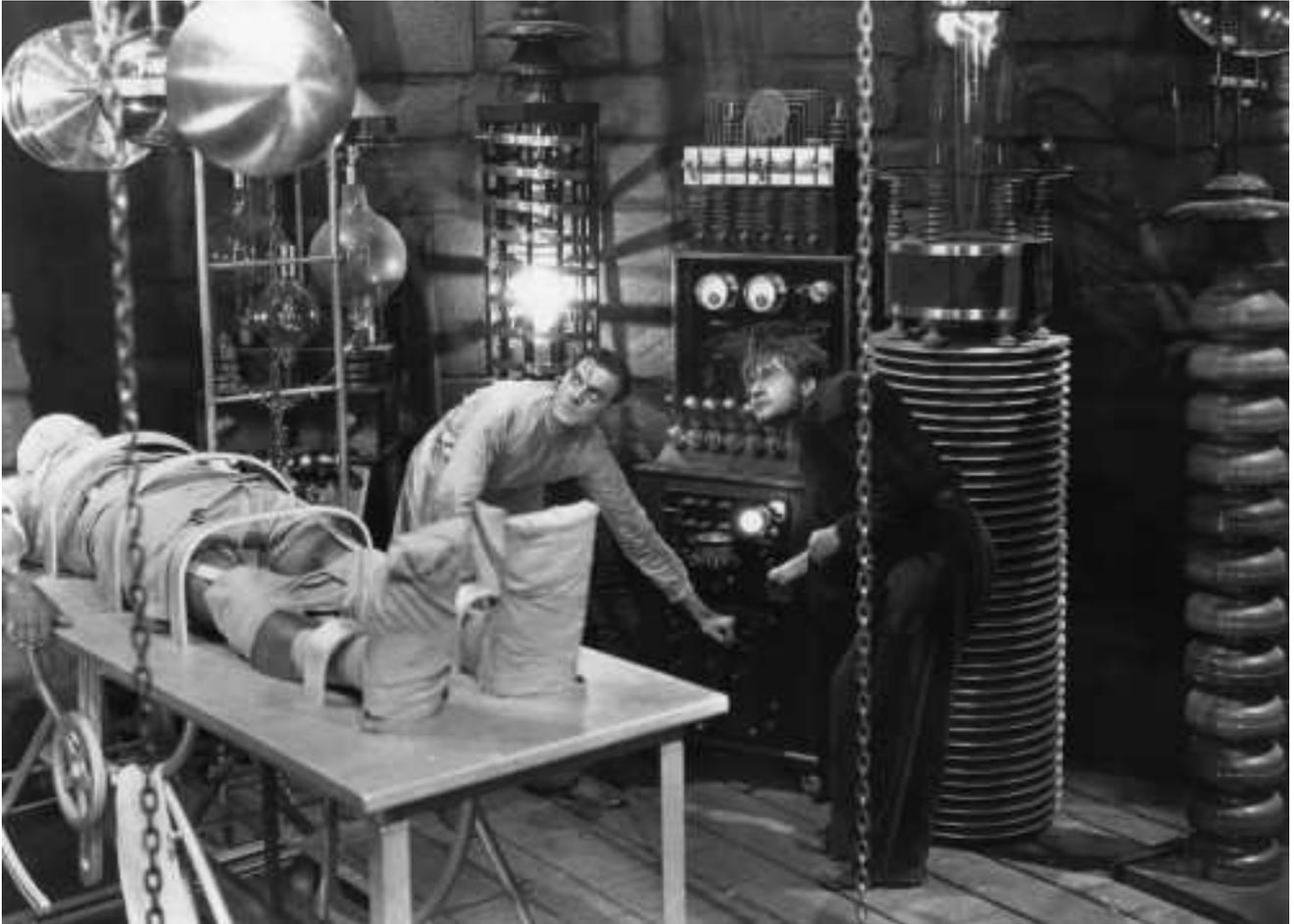
QUARTO FATO: a autora Mary Shelley escreveu cerca de trinta obras, mas somente "Frankenstein", fez o estrondoso sucesso.

QUINTO E ÚLTIMO FATO: Percy morre aos 29 anos por afogamento em julho de 1822. Sua esposa Mary Shelley passou a se responsabilizar pela publicação de suas obras.

MINHAS CONCLUSÕES: não seria Percy Bysshe Shelley o real autor da obra "Frankenstein"? A primeira publicação de apenas 500 exemplares foi publicada em 01 de janeiro de 1818 em uma pequena editora de Londres e grande detalhe, a obra não continha o nome do autor. O prefácio da obra foi redigido pelo próprio Percy B. Shelley.

Um ano depois da morte de Percy, em 1823, a segunda edição de Frankenstein é publicada, mas desta vez com o nome da autora, Mary Shelley.

Não seria o verdadeiro pai da criatura, do desfigurado ser infernal, Percy B. Shelley? Liguei estes fatos ao pesquisar a vida do poeta Percy, da escritora Mary Shelley e do anarquista filosófico, William Godwin (pai de Mary Shelley). As ligações da obra "Frankenstein" com a vida real de Percy B. Shelley, são imensuráveis. Não existiu o desprendimento do autor com a obra, o qual relatou suas ideias pessoais e íntimas em relação ao ateísmo e em trazer a vida aos falecidos, além do marcante fato de sua expulsão na universidade de Oxford, bater com o terrível tratamento dado pelos professores em relação as suas ideias sobre alquimia do personagem "Victor Frankenstein". Dificilmente eu acreditaria que fosse Mary Shelley a autora da obra "Frankenstein" depois de correlacionar tais fatos, mas saliento que não deixam de ser conjecturas. Não seria as personagens Victor Frankenstein e a própria criatura o alterego de Percy B. Shelley? Será que não se sentira culpado pelo suicídio de sua primeira esposa, Harriet, comprovando a criação do criador e criatura como uma



metáfora? Note que na obra, o monstro sempre está próximo ao seu criador, mas por mais que se esforçasse o pai da besta nunca conseguia alcançá-lo. Seria um sentimento profundo de culpa que Percy sentia pela morte de sua esposa, algo irrevogável e inalcançável, pois ela jamais retornaria a vida.

FRANKENSTEIN OU APENAS “CRIATURA”?

Sim, apenas criatura. Este era um dos nomes do monstro, ou se preferir “demônio”, “ser infernal” ou simplesmente “desgraçado”. Frankenstein era o sobrenome de seu criador, Victor Frankenstein. O autor da obra não deu nome ao monstro. Talvez o fato de soar estranhamente o nome “criatura”, deu-se o sobrenome do criador e nada mais justo dar o sobrenome do pai ao filho.

O nome Frankenstein, originou-se de uma importante família da Silésia. Importante porque se deu o nome "Frankenstein" a uma antiga cidade hoje chamada de Zabkowice Slaskie (a Silésia é uma região histórica dividida entre a

Polônia, República Checa e Alemanha). Dizem que Mary Shelley conheceu a família “Frankenstein” em uma de suas viagens, mas provavelmente Percy B. Shelley a acompanhava.

AS ADAPTAÇÕES DA OBRA FRANKENSTEIN.

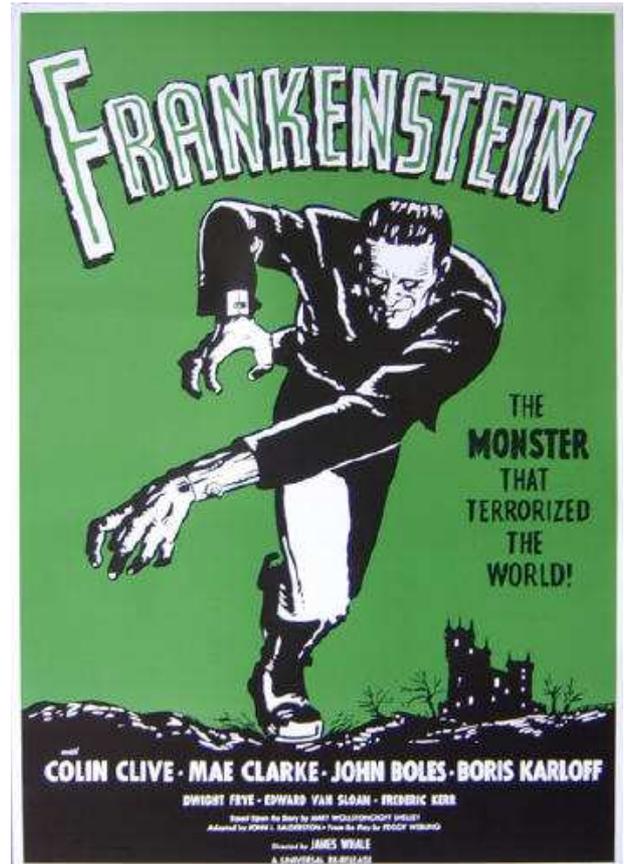
Frankenstein está entre as primeiras obras góticas da história. A primeira foi publicada em 1764, intitulada "O Castelo de Otranto", de Horace Walpole (1717-1797). A obra “Frankenstein” é estruturada em romance epistolar, o realismo da história é indescritível e deveras emocionante. Além da inspiração da lenda de Prometeu, o autor (ou autora) da obra “Frankenstein”, também foi inspirado pela obra do autor e representante do classicismo inglês, John Milton (1608-1674). A obra é intitulada “Paradise Lost”. A segunda obra de Milton foi intitulada de "Paraíso Reconquistado", dando sequência ao primeiro livro.

Trecho de Paradise Lost, traduzido por Antônio José de Lima Leitão (1787-1856).

(...)

“Inferno! Inferno! Que painel terrível
 Meus olhos miserandos presenciaram!
 Em nossa estância habitam criaturas
 De outro molde, talvez de terra feitas,
 Que, não sendo anjos, só diferem pouco
 Dos celestes espíritos brilhantes.
 Os meus maravilhados pensamentos
 Nelas se engolfam todos: té me sinto
 Propenso a amá-las, — tanto lhes fulgura
 A semelhança divinal no porte,
 E tantas graças nos gentis semblantes
 A mão que as construiu pródiga esparzel!
 Ah! par formoso! Mal agora pensas
 Na mudança que perto já te assalta:
 Esses prazeres todos vão sumir-se,
 E desgraça tremenda lhes sucede
 Tanto mais crua quanto sentes hoje
 Alegria maior nos seios d’alma.
 És feliz, mas durar assim não podes
 Porque bem defender-te o Céu não soube; (...)

A obra “Frankenstein” é deveras trabalhada e inspiradora, mas, para alguns, com falhas: Victor Frankenstein junta pedaços humanos e os molda, tentando reconstituir a sua maneira a figura de um ser humano, mas, ao final do

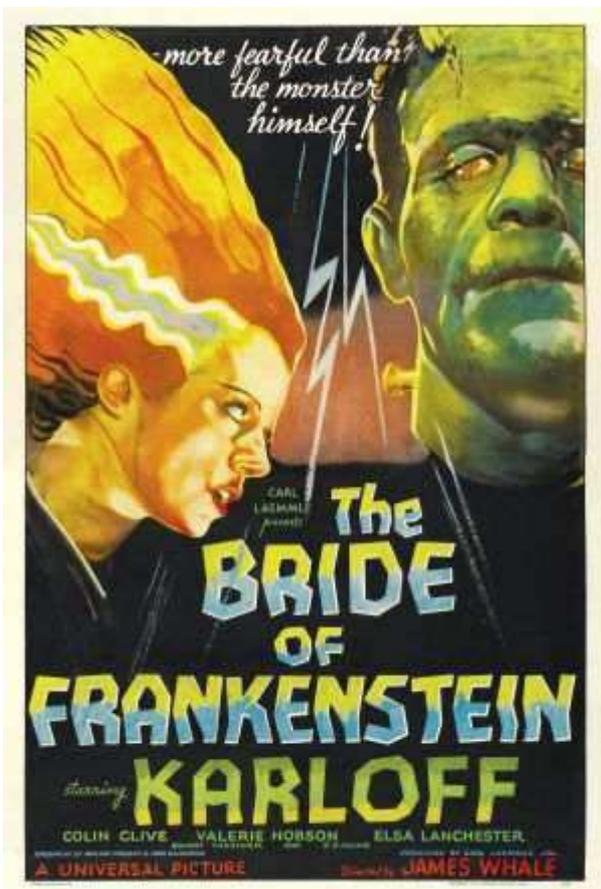


processo, após tortuosos estudos, noites em claro e alterações em sua saúde — decorrentes do excesso de trabalho —, o ser inanimado torna-se animado e assim como Percy B. Shelley abandona a esposa gestante, Victor abandona sua obra, ou se preferir, criatura.

Frankenstein foi inicialmente alterado nas telas do cinema como um ser não tão “pensante”, ao contrário da filosófica criatura da obra de Mary Shelley ou Percy B. Shelley, que é culto e rápido como o relâmpago, “bem” diferente do conhecido Frankenstein do mundo da sétima arte, se bem que alguns diretores tentaram posteriormente modificá-lo, e hoje poderemos notar várias adaptações dele, algumas até cômicas, como no longa-metragem de 1974 “O Jovem Frankenstein” (Young Frankenstein/ 104 min/ 20th Century Fox Film Corporation).

Os leitores também se deleitavam com as adaptações de Frankenstein em quadrinhos, muitas das vezes herói, outras vilão.

O teatro também adaptou a obra e foi o primeiro a gozar de tal feito. Por fim, notamos



AARON ECKHART

- adaptações de Frankenstein até em jogos futuristas para modernos *videogames*.

Frankenstein jamais morrerá, assim como os imortais deuses da mitologia, infelizmente, para desespero de Victor Frankenstein, que perdeu a vida tentando destruir o monstro.

ALGUNS POSSÍVEIS DERIVADOS DA CRIATURA DE FRANKENSTEIN:

O Incrível Hulk - Edwards mãos de tesoura - A

Noiva Cadáver - Monstro do Pântano e O Médico e o Monstro.

Nota: devemos temer o anormal e o estranho? Afinal, o que é ser normal? É seguir um padrão? Será que nos importamos mais com o visual do que com o conteúdo? Se Frankenstein fosse compreendido pelos humanos, a obra teria um trágico final? Se na vida real compreendermos o que está fora dos nossos padrões visuais, a vida humana não seria mais harmoniosa?

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Membro da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes “Nouvelles du Brésil”, publicado na França pela editora Reflets d’Ailleurs. Publicou pela Editora Draco “O desejo de Lilith” e o seu mais recente romance “Caçadores de Demônios”. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Blog: odesejodelilith.blogspot.com. E-mail: pascale@cranik.com.

FRANKENSTEIN

ENTRE ANJOS E DEMÔNIOS

DISPONÍVEL EM 2D E 3D DIGITAL

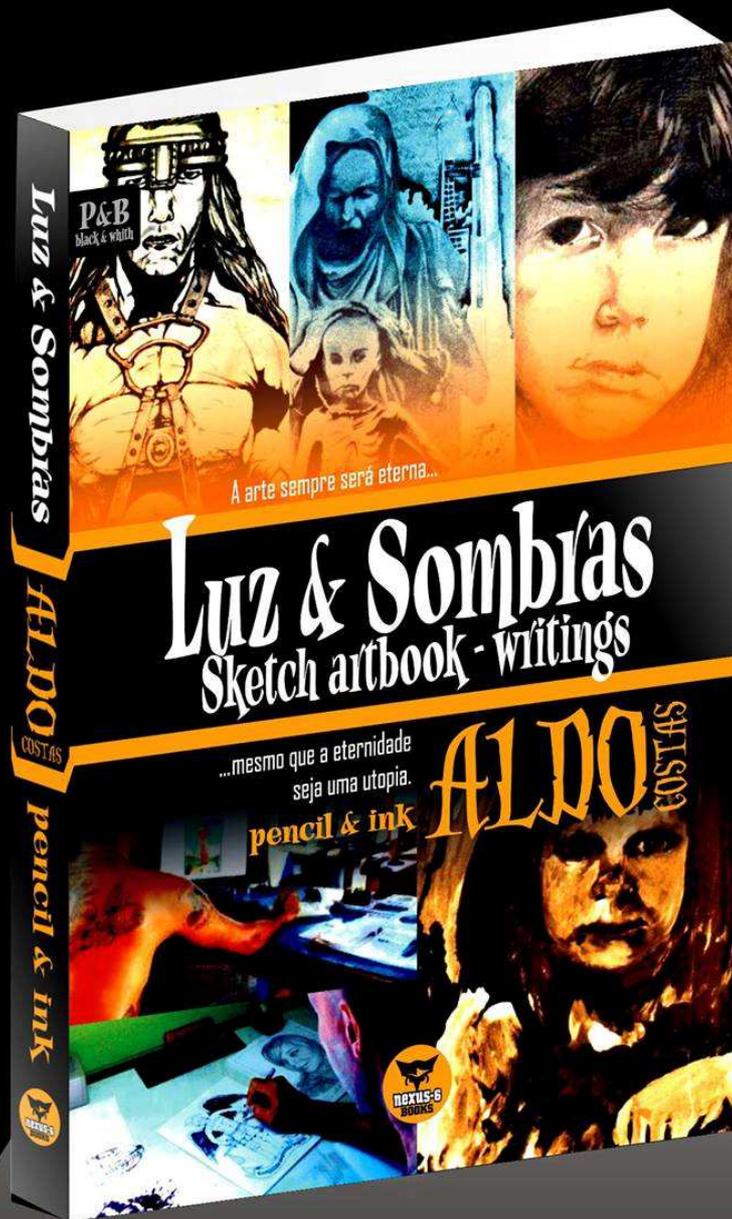


@pascale



@pascale

PlayArte

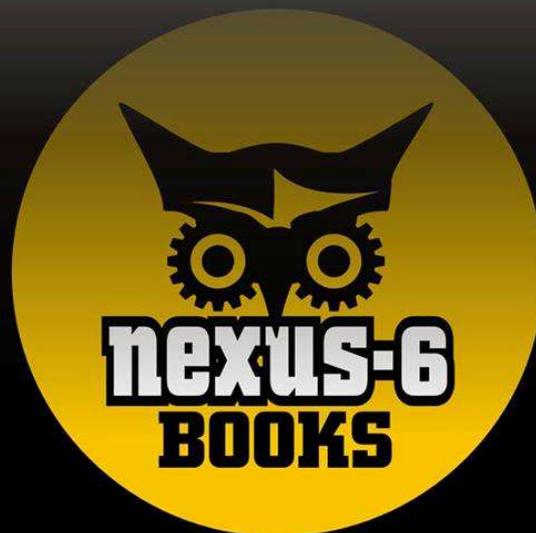


Já à **VENDA!!!**

**Sketch,
artbook**

E contos...

**Livro com mais
de 240 imagens
entre rascunhos
e desenhos.**



Selo Literário para publicação independente.

www.facebook.com/nexus6.books

RETROSPECTIVA

Um breve resumo sobre os principais acontecimentos literários de 2015

Por Cesar Silva
ceritosilva@yahoo.com.br

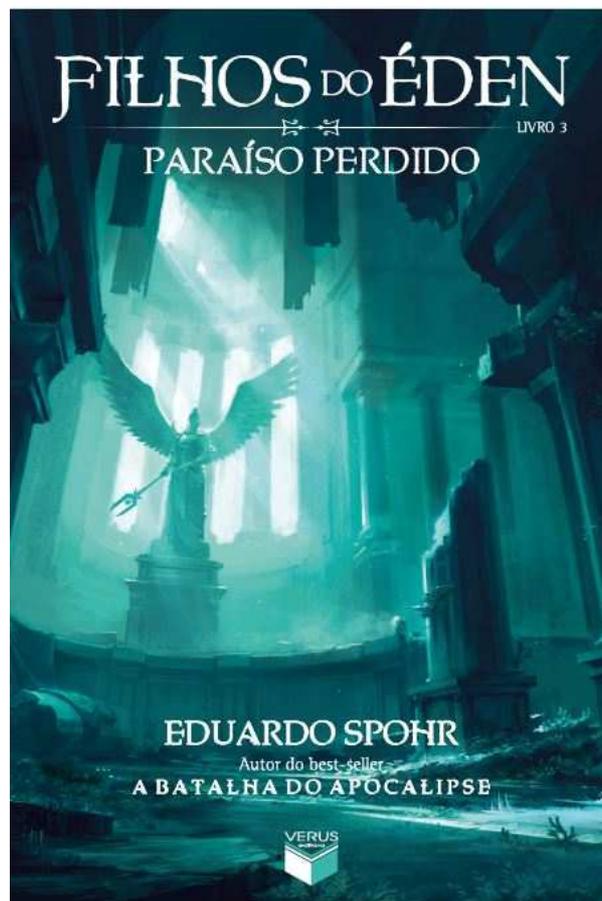
Os livros

2015 ainda não findou, mas já é possível analisar as tendências da literatura de ficção fantástica no mercado brasileiro. Não que seja impossível que o quadro se altere, afinal, faltam algumas semanas para o fim do ano e muito ainda pode acontecer. Mas, uma vez que estamos falando em estatísticas, não deve fugir muito do que vimos acontecer até o momento. Vamos iniciar com alguns números.

2015 teve um desempenho razoável na medida em que tenhamos em mente o passado não muito distante da fc&f no Brasil, quando mal se publicava uma dezena de títulos ao longo de um ano inteiro. Mas não é possível negar que a crise econômica que se abateu sobre o país nos últimos meses tenha deixado marcas nesta fantástica aventura literária. O número de lançamentos sofreu uma queda forte, tanto nos livros de autores brasileiros quanto nos de estrangeiros traduzidos aqui, chegando ao patamar mais baixo desde 2010.

Em 2014, foram publicados 692 livros de fc&f no país, sendo 286 nacionais e 406 estrangeiros, enquanto que em 2015 saíram, até o momento, 558 (incluindo ebooks e republicações), sendo 220 de autores nacionais e 338 de estrangeiros.* Uma retração de aproximadamente 20%, portanto. A queda foi sentida mais acentuadamente no segundo semestre, uma vez que os números na primeira metade do ano estavam mais ou menos iguais aos do mesmo período de 2014. Houve redução em praticamente todas as categorias editoriais; a única entre os lançamentos de autor nacional que obteve crescimento – discreto – em relação a 2014 foi a das coletâneas de horror que, em 2014, somaram 16 e, em 2015, chegaram a 17.

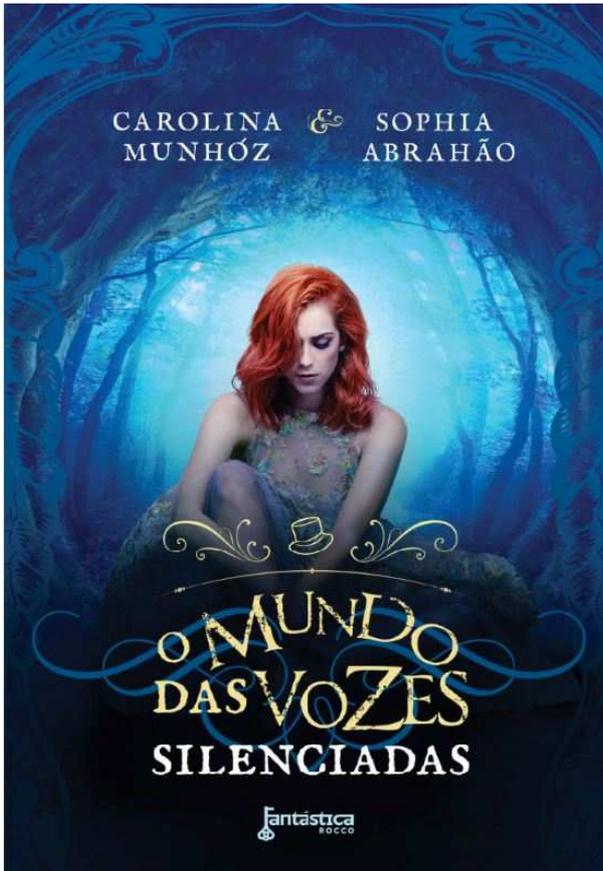
Entre os lançamentos de autor estrangeiros, dois casos especiais valem ser destacados aqui:



parte do desempenho da ficção científica de autor estrangeiro em 2015 deveu-se à coleção Perry Rhodan da editora SSPG, que lançou regularmente cerca de seis volumes por mês ao longo de todo o ano. Também observamos o avanço na publicação de novelizações: em 2014 foram 35, sendo o carro chefe da categoria o seriado de tv Doctor Who; já em que 2015 foram 40 títulos, com a franquia Star Wars como o seu maior representante.

Fantasia

Falemos agora da fc&f brasileira. Ainda que os números de 2015 sejam expressivamente



menores que em 2014, a qualidade média do material publicado pode ser considerada estável. Muitos títulos bons estão disponíveis ao leitor interessado, por autores bem recomendados.

A fantasia continua sendo o gênero mais praticado pelos brasileiros, tomando mais da metade do total de lançamentos de literatura fantástica. É nela que, já há algum tempo, se destacam os autores mais bem sucedidos, como Eduardo Spohr que lançou o terceiro volume da série escatológica Filhos do Éden: Paraíso perdido (Verus), e Carolina Munhóz com Por um toque de ouro e O mundo das vozes silenciadas (este assinado em parceria com a escritora Sophia Abrahão), ambos pela Rocco. Outro candidato a entrar no seleto grupo de bestsellers é Affonso Solano, astro dos podcasts que em 2015 lançou o segundo volume de O espadachim de carvão: As pontes de Puzur (LeYa).

Dois mundos, um herói (Suma das Letras) talvez tenha sido o lançamento mais badalado e comercialmente bem sucedido da fantasia nacional em 2015. Estreia literária de Rezende Evil, youtuber especializado no jogo eletrônico Minecraft que faz enorme sucesso junto ao

público pré-adolescente, o romance é uma novelização na qual o autor se coloca como um dos personagens do referido jogo. Somente para fãs, portanto.

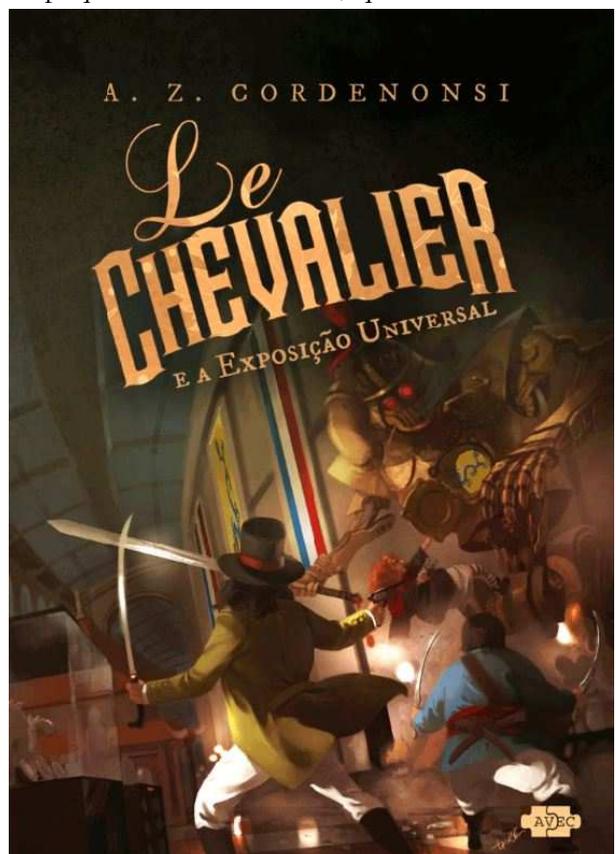
A série Crônicas de Salicanda, de Pauline Alphen chegou ao terceiro volume com A aliança (Seguinte). Esta autora tem uma característica diferenciada: apesar de brasileira de nascimento, seus livros são traduzidos aqui pois são originalmente publicados na França, onde reside há muitos anos.

Felipe Castilho publicou o terceiro volume de sua série O legado folclórico: Ferro, água & escuridão (Gutenberg) que vale a pena conhecer, assim como o curioso Tijucamérica (Paralela), romance do cronista esportivo José Trajano, que envereda pelos caminhos do futebol, como não poderia mesmo deixar de ser.

Ficção científica

Quem ainda lamentava que a ficção científica não tinha um representante entre os bestseller da literatura fantástica nacional agora pode comemorar com a publicação do segundo volume de Legado Ranger: Cidades de dragões, de Raphael Draccon (Rocco).

A pequena Editora Draco, que se dedica à fc de



forma quase exclusiva, trouxe em 2015 alguns títulos que merecem a atenção, por autores historicamente ligados ao fandom: E de extermínio, de Cirilo Lemos, Encruzilhada, de Lúcio Manfredi, e Estranhos no paraíso, de Gerson Lodi-Ribeiro.

Outro nome importante e muito conhecido no fandom, mas que estava ausente da literatura há anos, é Henrique Flory que, pela Editora Arte e Ciência, republicou Evolução – romance dos anos 1990 então publicado sob o título de Projeto Evolução – acompanhado de sua sequência inédita O elo.

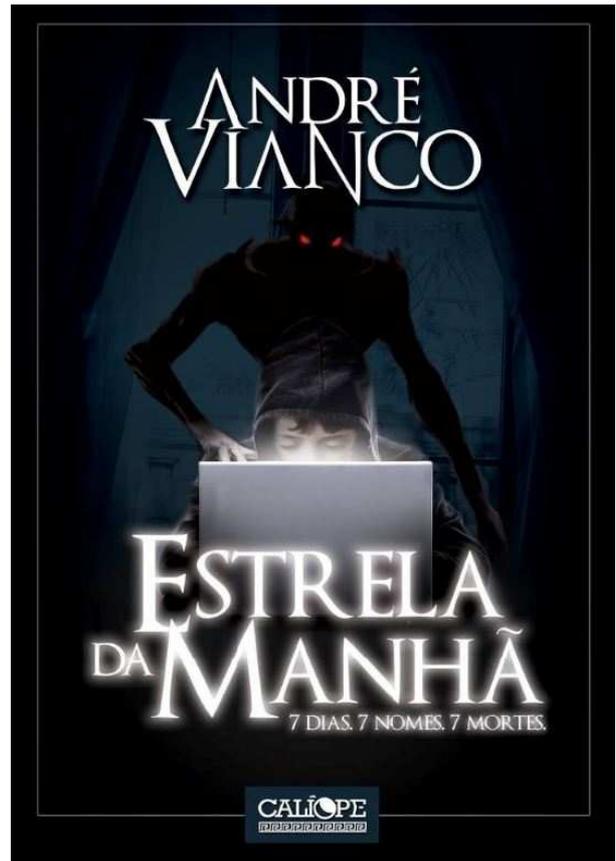
Luis Bras também apresentou o romance juvenil Ventania brava (Sesi-SP) que, junto à história alternativa A segunda pátria, de Miguel Sanches Neto (Intrínseca), forma o núcleo da fc brasileira que melhor dialogou com o mainstream em 2015.

Mas o livro de fc mais comentado no ano foi Le Chevalier e a Exposição Universal, de A. Z. Cordenonsi (Avec), romance steampunk que mistura ficção com personagens reais da história numa aventura à moda de Sherlock Holmes.

Horror

O horror ocupa a terceira posição entre subgêneros da literatura fantástica na preferência dos editores brasileiros. Tem sido historicamente o de produção mais estável, contudo, também sofreu os efeitos da crise que atingiu a tudo e a todos em 2015. Por isso, seus destaques são principalmente de autores experientes.

André Vianco, o maior bestseller da fc&f nacional, marcou 2015 publicando em nova casa, a Editora Giz, com dois títulos: o inédito Estrela da manhã e uma nova reedição de seu primeiro sucesso, o romance de vampiros Os sete. Nazareth Fonseca também revisitou o mito do vampiro com Dom Pedro vampiro (Planeta), enquanto Rosana Rios e Helena Gomes assinaram mais um volume em conjunto, Olhos de lobo (Farol Literário), segundo da série iniciada em 2014 com Sangue de lobo. Rodrigo de Oliveira deu sequência a sua série sobre zumbis As crônicas dos mortos, com dois títulos em 2015: A senhora dos mortos e Elevador 16, ambos pela Farol. Também vale conferir a coletânea O vilarejo, de Raphael



Montes (Suma das Letras), que tem sido bem avaliado no ambiente mainstream.

Mas a grande novidade de 2015 no horror é mesmo a volta do mestre R. F. Lucchetti, com dois títulos: O museu dos horrores (Corvo) e O Escorpião Escarlata: O roteiro original (Laços). Apesar de sua tradição e importância como nascedouro de talentos, as antologias tiveram um momento discreto em 2015. Contudo, vale destacar Vampiros, estreia da coleção Sobrenatural (Avec), organizada pelo escritor Duda Falcão, com contos de importantes nomes do gênero, como Giulia Moon, Carlos Patati, Nazareth Fonseca, Lord A. e Simone Saueressig, entre outros.

Em matéria de não-ficção, também há títulos que merecem ser registrados. Braulio Tavares apresentou a coletânea de crônicas 78 rotações (Jovens Escribas), enquanto Luiz Saulo Adami lançou dois títulos sobre sua especialidade, a série O planeta dos macacos: O homem não entende nada (Estronho) e Hollywood: Bastidores e segredos do filme O planeta dos macacos (Juruá).

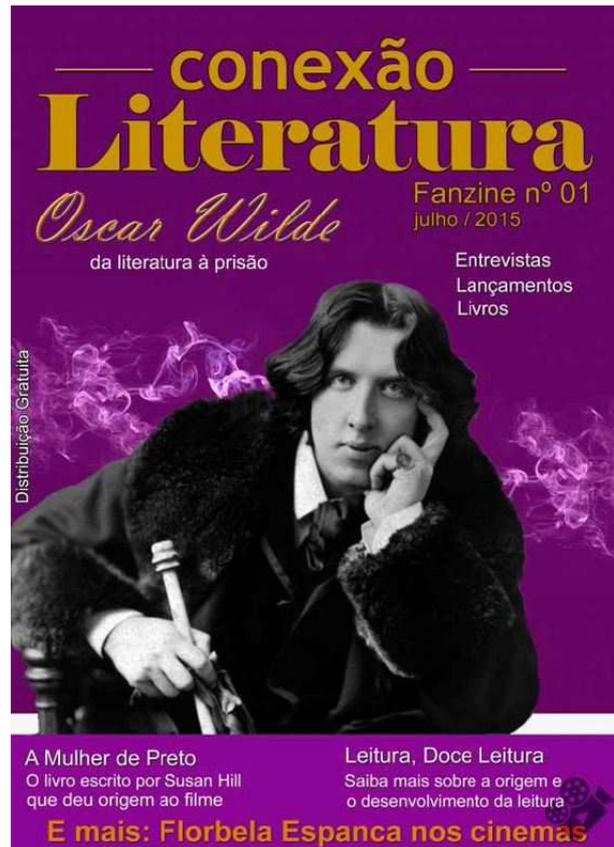
Geralmente não há muita novidade no que se refere a republicações, mas 2015 recuperou dois títulos importantes do cyberpunk nacional que

estavam fora de catálogo há muitos anos: Santa Clara Poltergeist e Básico instinto, de Fausto Fawcett (Encrenca). Vale também registrar o lançamento da coleção José J. Veiga (Companhia das Letras), edições de luxo muito bem cuidadas comemorando o centenário de nascimento desse gigante da fantasia. A editora promete republicar todos os livros do autor; em 2015 saíram três: A hora dos ruminantes, Os cavalinho de Platiplanto e Sombras de reis barbudos, títulos históricos obrigatórios a todo interessado em fc&f.

Os fanzines

Publicações amadoras produzidas e editadas por fãs para fãs, geralmente em pequenas tiragens e distribuição dirigida, houve um tempo – mais exatamente, o período compreendido entre 1980 e 2000, também chamado de Segunda Onda a fc brasileira – em que os fanzines formavam o principal canal de publicação e pesquisa da literatura fantástica no país. Isso aconteceu por dois motivos: o primeiro foi o desenvolvimento e popularização da tecnologia reprográfica – o popular "xerox" – que permitiu o acesso dos editores a uma produção por demanda de boa qualidade gráfica, sem grandes investimentos técnicos e financeiros. O segundo motivo foi que, naqueles tempos, ainda não havia chegado ao Brasil as facilidades da internet, de modo que os fanzines eram o formato mais barato e ágil para dar visibilidade a textos de ficção e discussões teóricas em grupos de interesse específico. Com a chegada da internet, em meados dos anos 1990, os fanzines foram desaparecendo, substituídos primeiro pelos sites especializados e listas de discussão, depois pelos blogs e, mais recentemente, por podcasts e fanpages nas redes sociais. Alguns fanzines migraram para a internet, tornando-se publicações virtuais, mas a maioria desapareceu por completo. Contudo, em 2015 percebeu-se um certo refluxo de interesse pelos fanzines que estão retornando, ainda que timidamente, ao cenário da fc&f brasileira.

Um dos antigos fanzines que se virtualizou há alguns anos mas nunca deixou de ser publicado é o *Juvenatrix*, periódico eletrônico de horror e ficção científica editado por Renato Rosatti desde 1991 que, em 2015, fez circular os números 167 a 173. O foco principal do



Juvenatrix é o cinema, mas todas as edições trazem pelo menos um conto, usualmente de horror.

Outro fanzine histórico publicado desde 1985, que se virtualizou há alguns anos foi o *Somnium*, boletim oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica-CLFC que, em 2015, lançou apenas um número (111, com edição de Ricardo Guilherme dos Santos) em homenagem ao importante escritor e poeta André Carneiro, falecido em 2014. Entre artigos, depoimentos e resenhas, a edição apresenta diversos textos de Carneiro, incluindo uma novela inédita.

Papêra Uirandê Especial é um dos fanzines históricos de fc&f que retornou em 2015, depois de treze anos de interregno. Ainda editado pelo escritor Roberto de Sousa Causo, leva o número 9 e o subtítulo *Tupinipunk no Século XXI*. Dedicado à obra de Berilo Neves (1901-1974), *Papêra Uirandê Especial* trouxe contos de diversos autores, além de artigos, resenhas e entrevistas.

Flores do Lado de Cima é um fanzine de literatura, poesia e música sombria, editado por Rosana Raven e Nanda Barros. Lançado em 2008 e sem circular desde 2013, retornou este

ano em uma única edição (20) com entrevistas, contos e poemas de diversos autores.

Trasgo é um fanzine recente, lançado em 2013 e com publicação regular. Em 2015, distribuiu dois números (7 e 8), cada um deles com mais de 100 páginas dedicadas à literatura fantástica nacional, com muitos contos e entrevistas. A edição é de Rodrigo van Kampen.

Além deste Conexão Literatura – editado por Ademir Pascale pela Fábrica de Ebooks que, em 2015, lançou cinco edições regulares com contos, entrevistas e artigos –, apenas um outro título estreou no ano: Niger Noctem, personalzine de horror com textos de ficção e não ficção do escritor e poeta Sr. Arcano.

É certo que não são muitos os fanzines hoje em circulação, mas a simples existência deles nestes tempos de volúpia editorial indica que ainda formam uma alternativa importante aos autores que buscam independência e estão dispostos a enfrentar a crise que assola o mercado.

Conclusão

Diante deste quadro, a conclusão é que não há do que se lamentar. A publicação de fc&f está sentindo os efeitos da especulação financeira e política, mas não parece tão vulnerável quanto no passado, sinal que seu crescimento nos últimos anos não foi fruto de uma bolha. A crise pode até ser benéfica para o setor, depurando o mercado de evidentes excessos que em nada contribuem para o estabelecimento de uma fc&f sólida e relevante.

É importante lembrar que boa parte dos títulos de autores nacionais é publicada por demanda ou unicamente em formato virtual, ou seja, não tem um desempenho comercial significativo especialmente quando comparada aos lançamentos estrangeiros. Apesar do surgimento de candidatos a bestsellers entre os autores nacionais, a produção local ainda não tem a confiança dos editores que preferem investir em traduções de séries estrangeiras, principalmente aquelas sustentadas por franquias em outras mídias. A oferta visível nas estantes das livrarias também atesta a preferência dos livreiros pela literatura estrangeira, que predomina tanto em número de títulos quanto em volume de exemplares oferecidos.

Apesar do inegável sucesso da literatura fantástica, ainda se percebe preconceito dos

editores, especialmente pela ficção científica que, por muitos anos, recebeu deles a pecha de ser ruim de vendas. Os livros de fc aparecem quase sempre sob outras classificações, sendo "distopia" a favorita das editoras. Os grandes nomes e títulos do gênero, contudo, seguem desprezados. Quando aparece algum, geralmente é por uma pequena editora de nicho com tiragem por demanda, exatamente como os livros dos autores brasileiros.

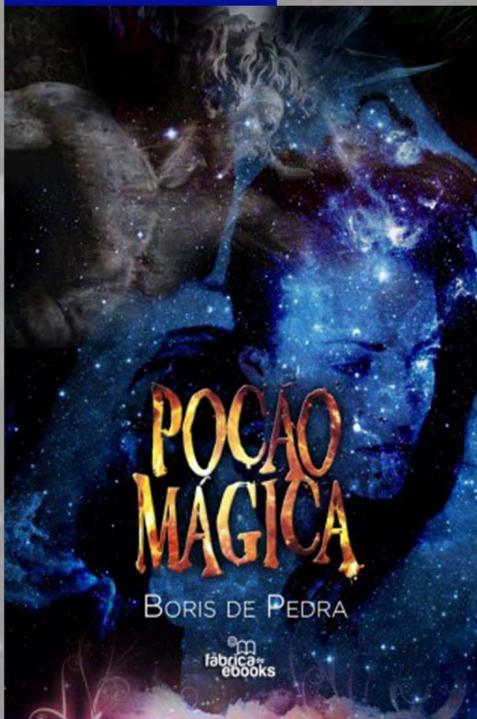
Ainda há muito o que trilhar para tornar a fc&f um espaço profissional ao exercício artístico, mas já é possível dizer, no que se refere aos aspectos conceituais, que a ficção fantástica brasileira está amadurecendo. Autores e editores que conseguirem superar a crise estarão prontos para assumir a liderança do mercado quando as coisas melhorarem.

Perseverar é, sem dúvida, a palavra de ordem para 2016.

Cesar Silva é paulistano, publicitário, cartunista, jornalista, editor, designer e produtor gráfico. Autor do Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica (Devir Livraria) e dos blogs Hiperespço

(www.mensagensdohiperespaco.blogspot.com.br) e Almanaque da Arte Fantástica Brasileira (www.almanaqueafb.blogspot.com.br). Como contista, participou das antologias Dinossauria Tropicalia (GRD, 1994), Outras copas outros mundos (Ano-Luz, 1998), Vinte voltas ao redor do Sol (CLFC, 2005) e Rumo à fantasia (Devir, 2010).

*A lista completa dos lançamentos de 2015, compilada pelo Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica, deverá ser disponibilizada em 2016. A lista de 2014, bem como listas referentes a anos anteriores, podem ser acessadas em www.mensagensdohiperespaco.blogspot.com.br/2015/08/anuario-2014-lancamentos.html



Poção Mágica

Boris de Pedra

Poção Mágica é uma história de amor sobrenatural. Um casal, Sophia e Miguel, outrora apaixonados, se reencontram no Facebook, vinte anos depois de um breve namoro. Ao longo do tempo, descobrem, que mantinham um contato, por pensamento, clarividência. Logo, descobrem serem almas gêmeas, no entanto, agora estão casados e com filhos e se envolvem em uma relação de amor proibido, assim como Píramo & Tisbe, Tristão e Isolda e Romeu & Julieta. Sophia, que significa sabedoria, atualmente é psicóloga e resolve fazer uma TVP (terapia de vidas passadas), onde vem a tona, outras encarnações, de seus espíritos, o dela e o do namorado, Miguel, onde temos episódios de magia negra e bruxaria; além de anjos; que criam a confusão ao sentirem inveja de um beijo de amor. Além, é claro, e de uma poção mágica de amor, que enfeitiça os corações humanos, por meio do desejo. Dessa forma, a história de amor entre Sophia e Miguel, remonta épocas passadas, como na Antiguidade, 3 mil anos antes de Cristo, na Idade Média, sendo que nessas vidas, criaram um carma, uma maldição devido ao sentimento de amor que tinham um pelo outro. Tudo isso, pode ser apenas um sonho, do poeta Miguel, que tem nome de anjo.

POÇÃO MÁGICA

BORIS DE PEDRA

fábrica ebooks

Para adquirir o e-book, acesse:

www.amazon.com.br/dp/B0177EXCAG

ESPECIAL CHARLES DICKENS

Por Ademir Pascale
pascale@cranik.com



Com poucos anos de idade, Dickens carregava o peso de sustentar a devedora e pobre família.

Uma criança séria e autodidata, essa era a descrição de Charles Dickens (1812-1870) quando ainda era uma pequena criança que devorava centenas de livros de renomados autores, como Daniel Defoe, Tobias Smollett e Henry Fielding. Charles não pertencia a uma família rica e seu pai era um homem mergulhado em dívidas, até que um dia fora preso por muito tempo. A família perdeu praticamente todos os bens materiais e foram morar em um quarto barato no bairro de Camden Town, em Londres.

O pequeno Charles, agora com doze anos de idade, fora obrigado a trabalhar duramente em uma empresa de graxa para sapatos chamada Warren's. A função do garoto era a de rotular incansavelmente inúmeros frascos de graxa.

Com poucos anos de idade, Dickens carregava o peso de sustentar a devedora e pobre família, o que acarretou posteriormente na criação de dezenas de obras literárias. A primeira obra lançada em 1836 "The Pickwick Papers", a

segunda, um grande sucesso até os dias de hoje, "Oliver Twist" (1837-1839). Ainda lançou outros famosos romances, entre eles "A Christmas Carol" (1843), David Copperfield (1849-1850), "A Tale of Two Cities" (1859) entre outros. No total foram 44 obras produzidas.

Pesquisando sobre a vida dos grandes escritores ingleses, portugueses ou franceses, noto uma incrível semelhança: praticamente todos sofriam por alguma causa. Alguns sofriam por amores não correspondidos, outros de sérias doenças e alguns, como Charles Dickens, da falta de dinheiro e da humilhação de ter o próprio pai preso por ser um devedor. As características sofridas dos autores acarretam em grandes obras literárias. Penso: e se estes autores nascessem em berço de ouro, fossem correspondidos amorosamente e não sofressem de terríveis doenças, existiriam hoje essas excelentes obras literárias?

FILME E LIVRO - Para conhecer profundamente Charles Dickens:

Sinopse: A obra *Oliver Twist* foi adaptada diversas vezes para as grandes telas. A versão mais conhecida foi a de 2005, dirigida pelo cineasta franco-polaco, Roman Polansky (*Oliver Twist* de Roman Polansky ganhou 5 Oscars por melhor filme). *Oliver Twist* retrata uma mera semelhança da real infância de Charles Dickens, pobre e sofrida. O longa-metragem é excelente em narrativa e interpretações, o protagonista “*Oliver*” é cativante, o que lhe fez ganhar milhares de admiradores em todo o planeta.

Ficha Técnica:

Gênero: Drama - Duração: 130 min.

Ano: Inglaterra/República Tcheca/França/Itália - 2005

Distribuição: Sony Pictures Entertainment / TriStar Pictures

Direção: Roman Polanski - Roteiro: Ronald Harwood, baseado em livro de Charles Dickens

Livro “Um conto de Natal”

“Um Conto de Natal”, é um clássico da literatura escrito por Charles Dickens, em 1843, uma história atemporal sobre Scrooge, um velho rico, ranzinza e averento. De personalidade forte, evita o seu único sobrinho. Dickens tenta passar uma mensagem bonita para o Natal, de que ninguém deve ter o coração tão duro ao ponto de evitar uma amizade ou companhia verdadeira. Scrooge odiava o Natal e achava que as pessoas simplesmente jogavam dinheiro fora com presentes. Mas algo fez mudar o seu duro coração, a visita de três fantasmas: o fantasma do Natal Passado, do Natal Presente e do Natal Futuro.

Para saber mais:

Tradução de Alexandre Boide

Incluindo estudo sobre o autor, sua época e sua obra. Ebenezer Scrooge é um homem avarento e solitário. Odeia o Natal e tudo o que ele representa. Ignora familiares, empregados e não sabe o que é compaixão. Mas a aparição de um visitante-fantasma o fará repensar seu comportamento e despertará sentimentos aparentemente adormecidos. Ambientada numa Londres gelada, às vésperas do esperado 25 de dezembro, *Um conto de Natal* é uma das mais belas e conhecidas histórias do gênero. Escrita às pressas em 1843 para pagar as dívidas de seu autor, Charles Dickens (1812-1870), foi um sucesso imediato de público e crítica. Por meio dessa sátira social – adaptada diversas vezes ao cinema –, Dickens teve um papel fundamental no resgate do espírito de bondade e solidariedade das tradições natalinas.

Título: *Um Conto de Natal* - Autor: Charles Dickens - Editora: L&PM - Ano: 2011 - Páginas: 60



Visite o site Dickens Museum: www.dickensmuseum.com

CONEXÃO LITERATURA

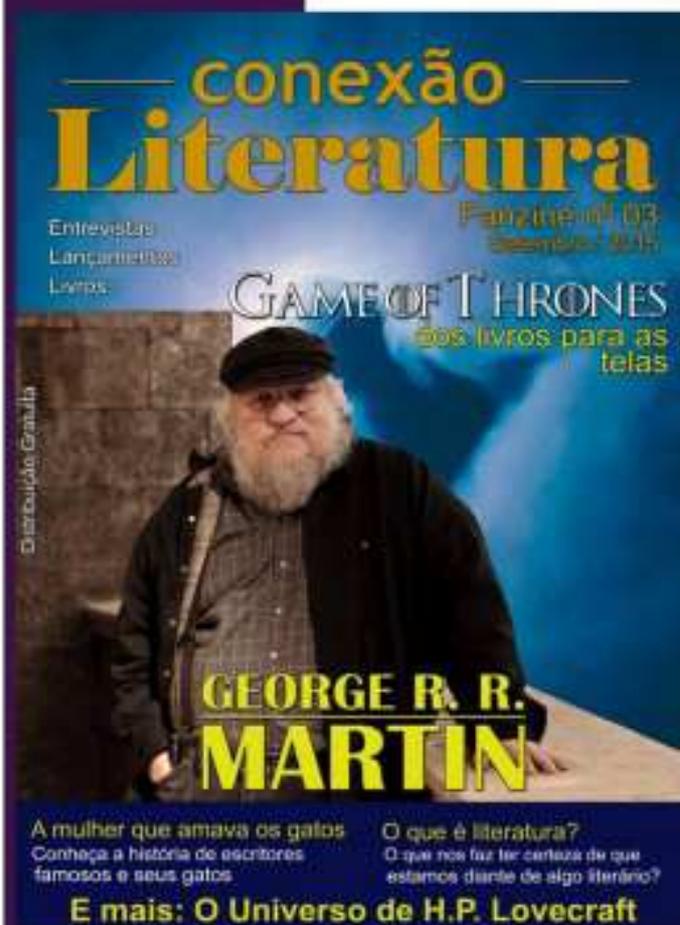
anuncie - divulgue - participe

conexão
Literatura

Entrevistas
Lançamentos
Livros

Fantasy nº 03
dezembro 2016

GAME OF THRONES
nos livros para as telas

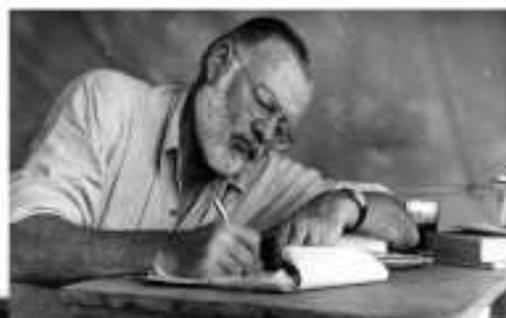


GEORGE R. R. MARTIN

A mulher que amava os gatos
Conheça a história de escritores famosos e seus gatos

O que é literatura?
O que nos faz ler: certeza de que estamos diante de algo literário?

E mais: O Universo de H.P. Lovecraft



Mais de 8 mil downloads na 2ª edição
Todo mês um autor conhecido mundialmente em destaque
Entrevistas, matérias especiais, lançamentos, etc.



Saiba como participar ou patrocinar a próxima edição. Acesse:

www.fabricadeebooks.com.br/participar_de_conexao_literatura.html
ou escreva para: pascale@cranik.com - c/ Ademir Pascale

VENCENDO OS BRANCOS NA ESCRITA

Por Prof. Osmar Eduardinho

osmareduardinho@hotmail.com

O objetivo deste artigo é ajudar você leitor a vencer seus Brancos na escrita, os bloqueios criativos que afetam a todos que se propõem a escrever.

Não tenho a pretensão de esgotar o tema, as dicas a seguir são simples e poderosas, experimente e comprove:

1) Comece, faça e conclua!

Tão importante quanto ter uma ideia é começar a colocar no papel ou editor de texto sua idéia, fazer seus personagens e ideias percorrerem a estória que imaginou para eles e concluir a escrita.

Não se preocupe tanto, se as ideias não estão perfeitas, ou se as frases não estão redondas, o importante é começar, fazer o percurso e concluir, depois em outro momento você pode revisar, corrigir, ampliar.

2) Chute seus medos

O excesso de medo e autocritica bloqueiam criatividade. É demais escrever algo com o peso de criar uma obra prima, muito melhor é se divertir escrevendo. Vale mais você escrever com paixão, porque paixão gera paixão e as pessoas veem verdade no seu texto e se identificam com sua paixão que acende a paixão delas.

3) Valorize sua Inspiração

Todo escritor alterna momentos de intensa produção com outros de puro marasmo, onde não conseguimos escrever uma linha que presta.

Daí de repente, surge a inspiração e toda uma estória, com início meio e fim, que sai de nossas mentes como um jato.

Valorize sua inspiração, ela pode surgir nos lugares e horas mais inesperados, quando ela aparecer, pare tudo e anote tudo que vier a mente. Conforme eu valorizo os insights que tenho, novas ideias surgem e o processo cada vez fica mais fácil e produtivo.

4) Deixe seu texto descansar

Após terminar a escrita tenha o hábito de deixar o texto de lado algum tempo, cuide de outros projetos,

e depois, volte ao seu texto para ler com outros olhos e neste processo melhorar o que foi escrito.

É como fazer pão, escrever é juntar os ingredientes da massa, a criatividade é o fermento, precisa deixar um tempo a massa descansar e crescer e depois, ir para o forno da nossa autocritica, onde partes são cortadas, reescritas e ampliadas e neste processo nosso pão, quer dizer nosso texto, fica saboroso para os leitores.

5) Esteja atento e aberto para o novo

Enquanto escreve seu conto, livro e etc, viva intensamente, ame, sorria, sofra, interaja com as pessoas atento a tudo e a todos. Esta atenção na vida, a leitura e outras artes alimentarão seu período de incubação que no seu ápice gera as conexões que chamamos de criatividade.

6) Tenha um objetivo claro

Assim como uma faca mau afiada não corta nem papel, busque definir o que quer fazer e leve seus personagens e seus leitores a percorrer toda a estória e aventuras que imaginou para eles até o fim.

É caso não consiga terminar alguns textos, guarde-os e aplique as dicas de valorizar sua inspiração e deixar o texto descansar. A vida nos ajuda a fazer novas conexões para concluir nossos textos.

7) Faça do seu jeito, mas aceite conselhos!

Busque seu estilo, escreva aquilo que move seu coração, mas não pense que a sua visão é imparcial sobre a qualidade do que escreve.

Nossos olhos estão viciados no texto e erros grosseiros passam despercebidos. É importante ter conselheiros comprometidos com o sucesso de seu projeto e para ajuda-lo a melhorar sua escrita.

Existem muitas outras dicas que estou reservando para um livro que pretendo lançar em breve, sobre a arte de escrever. Use estas chaves para desbloquear sua mente, funcionam, pois para escrever este texto, eu usei cada uma delas.

Até breve.

Osmar Eduardinho é graduado em Química, Ciências, Teologia e Pedagogia, Especialista em Docência de Ensino Superior, atua como professor de Ciências na Prefeitura de São Paulo e em outras redes de ensino, autor de vários contos em antologias e palestrante. Visite osmareduardinho.blogspot.com.br. E-mail: osmareduardinho@hotmail.com.



Mostra de Cinema

Edgar Allan Poe

Nos dias 13 e 14 de janeiro de 2016 o Centro Cultural Justiça Federal, no Rio de Janeiro, recebe a Mostra de Cinema Edgar Allan Poe – Para além da literatura. Serão exibidos filmes baseados nos contos e imaginário de Poe, escritor americano homenageado, externando sua influência no universo audiovisual.

O primeiro dia contará com a estreia do filme “Extraordinary Tales”, do diretor americano Raul Garcia, que estreou nos Estados Unidos em outubro de 2015 e terá estreia no Brasil exclusivamente na mostra.

No segundo dia será realizado um debate que contará com a presença do diretor cinematográfico Paulo Biscaia Filho – diretor de dois dos filmes a serem exibidos - e dos professores Tiago Monteiro, Doutor em Comunicação e Viviane Mury, Doutora em Literatura, ambos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

Serviço: Mostra de Cinema Edgar Allan Poe – Para Além da Literatura Datas: 13 e 14 de janeiro de 2016 Horário de início: 17h Local: Centro Cultural Justiça Federal - Av. Rio Branco, 241 - Centro Entrada gratuita. Distribuição de senhas 1h antes de cada sessão.

Para mais informações à respeito da mostra, acesse:
www.facebook.com/cinemaedgarallanpoe

SER OU NÃO SER LENDÁRIO?

CONHEÇA AS LENDAS POR TRÁS DE HAMLET

Por Amanda Leonardi
amandalo1@hotmail.com



Shakespeare tornou-se imortal através de suas inesquecíveis peças, que marcaram época e que marcaram a humanidade. Quem não se lembra do famoso bardo ao ouvir frases como “Ser ou não ser” ou “Há algo de podre no reino da Dinamarca”, entre muitas outras frases icônicas do autor? O

dramaturgo e poeta é famoso tanto por comédias quanto por tragédias. Estas últimas, porém, costumam trazer enredos nos quais fortes personagens com psicológicos bem desenvolvidos vivem situações que exploram magistralmente os lados mais pérfidos e sombrios da humanidade, ao

mesmo tempo em que encantam com uma linguagem lírica e carregada de questionamentos existenciais.

Além de tudo, as tramas parecem incrivelmente originais: quem pensaria em, por exemplo, um jovem príncipe que vê o fantasma do pai e enlouquece – ou finge enlouquecer? – e resolve matar o tio, responsável pela morte do rei, de acordo com o fantasma? Original, não? (Lembre-se de que Rei Leão veio bem depois!). Talvez, nem tanto assim. As peças mais famosas do grande William Shakespeare, em maioria, são foram histórias criadas por ele, mas reaproveitadas e escritas em forma de peça de teatro. Hamlet, Macbeth, Rei Lear, entre muitas outras, são na verdade baseadas e antigas lendas ou folclores europeus que tinham grande repercussão na cultura inglesa da época de Shakespeare. O autor era genial com palavras, sem dúvida alguma, tão genial que transformou histórias que já existiram em obras suas por dominá-las através de seu vocabulário original e único (o vocabulário é mais do que original – Shakespeare é conhecido como o criador de mais de dois mil vocábulos da língua inglesa! Claro que se imagina que muitas delas sejam palavras que talvez estivessem começando a ser usadas na época, e não completamente inventadas pelo bardo, mas a primeira vez que foram registradas na forma escrita foram nas peças dele.)

Para abranger todas as lendas nas quais todas as peças do bardo forma inspiradas, precisaríamos de talvez mais de 50 páginas, mas como a ideia aqui é que este seja um artigo breve, para que você, leitor, possa lê-lo de uma só vez, escolhi como foco as lendas nas quais a mais famosa peça foi baseada: Hamlet. Uma das versões mais antigas de que se tem conhecimento da história do príncipe Hamlet vem do século X, e chama-se Edda em Prosa (Prose Edda). É uma coletânea de poemas e lendas nórdicas reunidas pelo escritor islandês Snorri Sturluson. Nesta versão, Hamlet se chamava Amlotha. Este personagem era uma figura presente em lendas escandinavas, as quais influenciaram a obra de Shakespeare. Mais uma versão é a lenda romana de Junius Brutus, o lendário fundador de Roma, pois a história desta segue um padrão semelhante de vingança e assassinato. O irmão e o pai de Brutus são assassinados por Tarquin, o sanguinário tio do jovem. Por fim, depois de muitas outras cenas sangrentas, Brutus se vinga de Tarquin e tira o poder deste, assim fundando Roma. Uma “coincidência” é que ambos os nomes “Amlotha” e o romano “Brutus” têm o mesmo significado, que é algo como “tolo”.

Agora, veja a narrativa mais semelhante à de Shakespeare e da qual se tem registro de forma mais

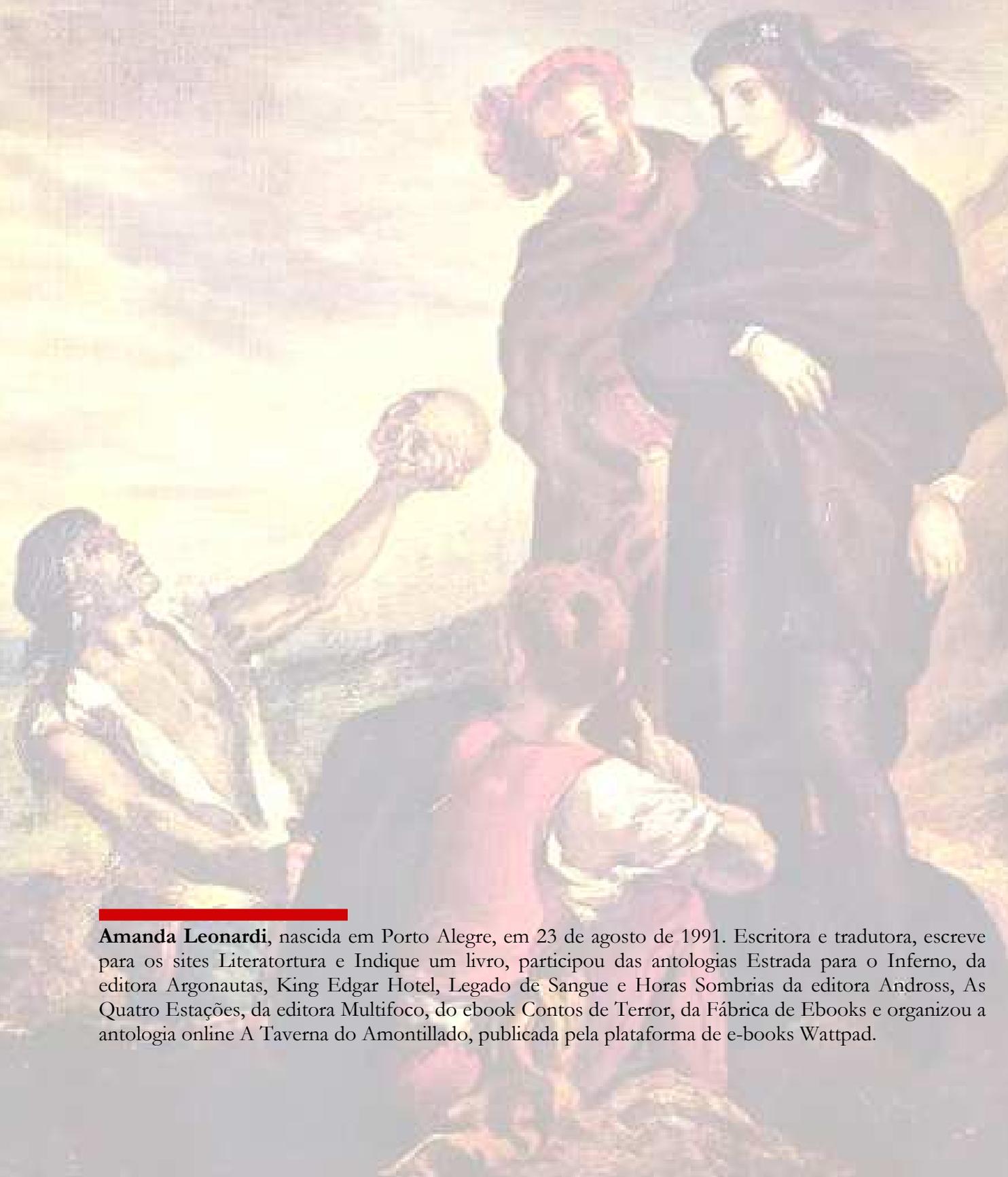
completa até os dias de hoje, incluindo outros personagens da peça é a seguinte: escrito pelo historiador e escritor dinamarquês Saxo Grammaticus, no século XIII, o documento Gesta Danorum, composto de dezesseis livros escritos em latim, conta a história medieval da Dinamarca, incluindo lendas da mitologia nórdica e pagã eslávica. Entre tais lendas, encontra-se um dos primeiros registros da lenda de Amleth, cujo tio, Feng, matou o pai de Amleth e casou-se com a mãe de príncipe, Gerutha. Nomes e situação um tanto familiares, não? Porém, nesta história, o assassinato do pai de Amleth foi público, pois, acordo com Feng, o rei que ele matara destratava a rainha e não merecia o trono ou seu lugar ao lado dela. Amleth, porém, não acredita nos motivos de Feng para matar seu pai, e se finge de louco para testar o tio e executar sua vingança. Nesse caso, não houve fantasma nem tanta hesitação por parte de Amleth perante matar o tio (Shakespeare plantara a semente do questionamento se o príncipe deveria ou não matar, inserindo os questionamentos do que seria o início do homem moderno em uma narrativa já antiga).

O final também é diferente, e menos trágico para o príncipe: sem se torturar com questionamentos como o nosso conhecido filosófico Hamlet, Amleth simplesmente matou o tio e se casou com umas mulheres, sendo uma delas, de acordo com algumas versões da lenda, a própria rainha! Feng enviara Amleth para a Inglaterra, junto a dois capangas dele disfarçados de amigos do príncipe (Guildenstern e Rosencrantz?), para que Amleth fosse morto. Porém, o jovem troca as cartas, chega na Inglaterra e se casa com a filha do rei. Voltando à Dinamarca, no banquete de celebração da suposta morte de Amleth, ele mata o tio, incendiando o salão nobre, e depois ainda se casa com a rainha, a tomando como segunda esposa, pois, segundo algumas versões da lenda, ela se apaixona pelo filho.

Enfim, vendo todas essas versões diferentes e medievais da história recontada por Shakespeare, pode-se observar que, apesar de Shakespeare não ter criado o enredo, ele deu vida nova ao príncipe. No texto do bardo, temos um príncipe que se assemelha mais ao homem moderno, mesmo que ele ainda mantenha certas crenças como a que o impede de matar Cláudio enquanto este reza para que ele não vá para o céu, ele já é um homem mais dividido entre crenças e razão: ele questiona-se quanto à presença sobrenatural, hesita perante tirar uma vida e vive em conflito com o mundo e consigo mesmo. As questões filosóficas levantadas pelo príncipe escrito por Shakespeare, a forma de ver o mundo e a linguagem com que se comunica são os elementos que dão destaque à obra do bardo. Não só esta,

como muitas outras peças de Shakespeare, ganharam um valor cultural maior ao serem recontadas por ele, devido à inserção de elementos metafísicos e de

personagens com psicológicos bem desenvolvidos. Além, é claro, do estilo lírico único do grande William Shakespeare.



Amanda Leonardi, nascida em Porto Alegre, em 23 de agosto de 1991. Escritora e tradutora, escreve para os sites Literatortura e Indique um livro, participou das antologias Estrada para o Inferno, da editora Argonautas, King Edgar Hotel, Legado de Sangue e Horas Sombrias da editora Andross, As Quatro Estações, da editora Multifoco, do ebook Contos de Terror, da Fábrica de Ebooks e organizou a antologia online A Taverna do Amontillado, publicada pela plataforma de e-books Wattpad.

ENTREVISTA COM NEYD MONTINGELLI



Neyd Maria Makiolka Montingelli - Nascida em Curitiba, a cidade dos casacos, casada com Tadeu Antonio Montingelli, mãe de 4 filhas e agora avó de um lindo netinho. Formou-se em Psicologia pela Universidade Tuiuti, mas durante sua vida, fez outros cursos, pós graduações e especializações conforme o trabalho ia exigindo. Trabalhou na Caixa Econômica Federal e por lá se aposentou. Teve um Laticínio e se especializou em queijos e derivados finos com o Leite de Cabra. Compartilha seus conhecimentos sobre leite e queijos com produtores em sites na internet gratuitamente. Escreveu o primeiro livro em 2007, *Culinária com Produtos Caprinos*, o segundo foi um presente para a filha que ia casar e não parou mais. Os outros 60 livros são histórias do tempo de trabalho, da família e agora escreve contos e poesias.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Olá, Neyd! Você lançou recentemente o livro “Feliz Natal”, em parceria da autora Isabel Furini. Poderia comentar?

Neyd Montingelli: Há tempos eu queria publicar um livro que tivesse um preço bem baixo. Convidei minha amiga, professora de literatura e crítica literária Isabel Furini para juntarmos nossas poesias em um livro de bolso. Foi ótima essa experiência. Trabalhos juntas por alguns meses e nas 50 páginas, colocamos

poesias com o tema Natal. Aprendi muito com essa parceria. Dividimos as páginas e a satisfação em finalizar uma ação conjunta. Minha filha Flávia fez a capa, com a foto do meu neto. É uma produção independente, mas valeu o esforço.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?



Neyd Montingelli:

Árvore de Natal
A estrela reluzente
Última a ser colocada,
Ao acender as luzes piscantes
A árvore estará montada.

Os pacotes aos pés arrumados
Com laços, fitas e cartões
Em papel brilhante embrulhados
Presenteando emoções.

Conexão Literatura: Se você fosse escolher uma trilha sonora para “Feliz Natal”, qual seria?

Neyd Montingelli: Começaria com Noite Feliz e depois Bate o sino. São as músicas que mais representam o Natal.

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para adquirir um exemplar de “Feliz Natal”?

Neyd Montingelli: O livro Feliz Natal está nas lojas e no site das Livrarias Curitiba e também no meu site www.neydmontingelli.com.br.

Conexão Literatura: Poderia comentar sobre as suas recentes premiações na literatura?

Neyd Montingelli: Fico envergonhada em falar dos meus prêmios, mas já ganhei alguns pelo Brasil e lá fora também. Todos com os meus contos, crônicas e poesias. É gratificante receber reconhecimento pelo nosso trabalho.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Neyd Montingelli: Eu trabalho em vários projetos literários ao mesmo tempo. Costumo beliscar um pouco de cada um todos os dias. Depois, quando o trabalho está mais avançado, separo um e dedico-me inteiramente a este. Tenho um romance que agora busca uma editora, um livro sobre o Leite de Cabra que falta diagramar e um livro da história do meu sogro esperando a capa.

Perguntas Rápidas:

Um livro: deste mês: O livro de Mórmon

Um(a) autor(a): Jorge Amado

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Cocoon

Um dia especial: 18.07 – aniversário de casamento

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Neyd Montingelli: Agradeço a oportunidade em mostrar um pouco do meu trabalho. O autor brasileiro não tem muitas chances de expor as suas obras ou seu currículo. Um lugar ao sol no cenário da literatura, traz muitas alegrias. Agradeço pela oportunidade.

ENTREVISTA COM BORIS DE PEDRA



Boris de Pedra é autor de “O Vendedor de Funerária” e “Poção Mágica”, ambos editados pela Fábrica de Ebooks. Blog: borisdepdra.blogspot.com.br.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Boris de Pedra: Escrevo contos há mais de vinte anos, recebendo meu primeiro prêmio literário, um triller, uma história de suspense com um surpreendente final feliz, denominado

“Ela Corre Perigo”. Ao longo dos anos 90, dei cabeçadas literárias, juntava as palavras, mas não arquitetava bem a trama, me perdia nos labirintos das possibilidades literárias. Precisava ter um maior conhecimento, ser iniciado nas artes literárias; já tinha entrado e saído da faculdade de letras, estudado literatura, trabalhado como redator, subido em vários palcos dos mais sinistros lugares das grandes cidades brasileiras com minhas bandas de Rock. Foi então que me vi em uma de minhas histórias, séculos atrás, após décadas perdidas, me vi, como um cavaleiro errante, como o dom Quixote lutando contra moinhos de ventos, uma vontade louca, tomou conta do meu espírito criativo, montei em Pégasus, “me leve onde tenha lápis e papel”, ou um lap top com editor de texto; serve também, tenho de contar a história de como salvei a princesa presa na torre mais alta do castelo. (Risos)

Acho que tudo começou com os livros de Marcos Rey que lia no Externato São José, colégio de freiras em que estudava, durante a infância, estudei no Marista também, já era rockeiro, com catorze anos comecei ler Morris West, depois Jack Kerouac, Caio Fernando Abreu, Machado de Assis, Edgar Allan Poe, Monteiro Lobato, no auge dos anos oitenta, então conheci Fernando Pessoa, aos dezessete, li “As Brumas de Avalon”, de Marion Zimmer Bradley; então veio Gabriel Garcia Marquez e Jorge Luís Borges, nessa época conheci Jacques Bergier, também descobri Philip K. Dick, por causa dos filmes “Blade Runner” e “O Vingador do Futuro”. Com essas influências na cabeça decidi ampliar o leque como artista, como autor, uma vez que tocava em uma banda de rock, onde tocava e escrevia as letras. Isso já faz uns bons vinte anos, venho ao longo do tempo uma sequência tentativa-erro-acerto, em relação ao ofício sagrado de escritor, aprendendo a pegar os atalhos para me tornar um bom contador de histórias.

Conexão Literatura: Você é autor do e-book “Poção Mágica” (Fábrica de Ebooks). Poderia comentar?

Boris de Pedra: “Poção Mágica” é uma história de amor sobrenatural. A grande sacada é que a

trama acontece, sugestivamente, no facebook. Sem dúvida, um dos canais mais populares das redes sociais. Juntar o clássico ao contemporâneo. Isso é permitido, a licença poética para contar histórias de ficção. Assim, pegamos alguns clássicos da literatura que representassem uma história de amor, logo o bardo de avon, Shakespeare nos vem em nossos pensamentos, como “Romeu e Julieta” por exemplo. Daí vem a ideia, juntando tudo isso com conceitos filosóficos para ficar mais interessante. Temos dois personagens: “Sophia & Miguel”, a sabedoria humana e o arcanjo celestial. Poderiam eles ter um caso de amor? Talvez no tempo de Shakespeare fosse apenas mais um amor proibido, como o de Tristão e Isolda, de onde buscamos a inspiração da poção mágica, não é mesmo? Mas com o Facebook, ambos, que tiveram um namoro nos anos 90, poderiam se reencontrar e viver um romance virtual. Quando me dei conta disso, já tinha absorvido o feitiço, um bom motivo para escrever uma boa história.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu e-book especialmente para os nossos leitores?

Boris de Pedra: Muito interessante essa pergunta, logo me faz pensar em clarividência, uma vez que coincidências não existem ou se existem, enfim, em todo caso, tive uma inspiração nesse sentido, poderia fazer isso? Queria escrever um texto sobre o meu e-book novo, que em relação à “Poção Mágica”, aprofundava no tema. Com 900 palavras era possível. Então, me sentei diante de minha bola de cristal, fechei os olhos, como mágica, após ler os resumos e os mapas, afinal o tema principal do novo e-book, que é o Rei Salomão, o personagem bíblico, acusado de idolatria, que teria feito bruxaria e ensinado feitiço em um livro, conhecido grimório. Então, surgiu “Candabul”, o texto que ilustra essa edição de Conexão Literatura (ver nas últimas páginas). Voltando ao foco da pergunta, ou seja, um trecho, mostrar, revelar, aos nossos leitores, atendendo à proposição, escolhi um trecho de “Poção Mágica” onde Sophia & Miguel, os personagens principais, são almas gêmeas, por isso teriam vivido uma história de amor no

passado como “Myrdin” e “Minerva”, na Idade Média. Segue abaixo:

“Onde tem gato preto tem bruxa, Gepeto, era o bichinho de estimação de Minerva, muito agitada, inquieta, não conseguia ficar parada, vivia literalmente voando em sua vassoura, pelo céu estrelado das noites que saía em busca de plantas e ervas, para engrossar o caldo do seu caldeirão.

Myrdin, agora estava aos seus cuidados, o velho se afeiçoou. Seus olhos observaram uma menina, uma pureza que chocava com aquela imagem de bruxa malvada. Ela fez um feitiço, por meio de uma poção mágica do amor, teve em suas mãos o coração de Myrdin.

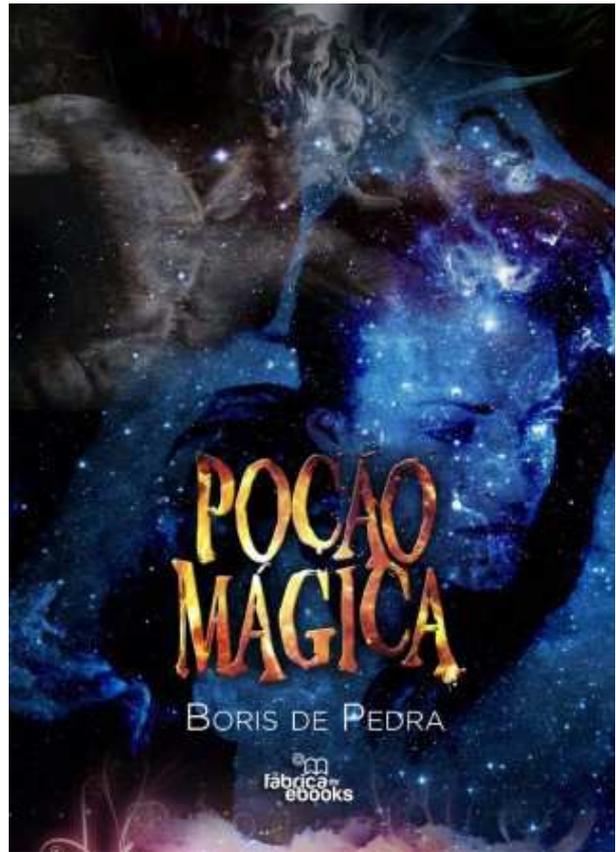
Às vezes, Myrdin se perguntava sobre a menina Minerva, vinte e poucos anos se questionava, confrontando seus dogmas, onde estaria a maldade nisso tudo? Questionava-se, uma vez que tinha a paz de espírito, necessária, para analisar o que aconteceu.

Talvez a ansiedade de Minerva, fruto de sua juventude, o fato de ser uma jovem bruxa, teoricamente, conhecia de magia, então resolveu fazer um pequeno feitiço.

Myrdin, tentava amenizar, na verdade, estava gostando da ideia de viver como homem e mulher com Minerva. Eles trepavam muito. O sexo estava incluído no pacote da felicidade. Isso era bom, ele gostava.

Minerva, por ser jovem, tinha uma silhueta, um corpo em forma, que seduzia o olhar, seios que convidavam seus beijos, sentia-se como mágica, como um jovem mancebo que um dia foi. Pensava: "quem me dera se novamente assim pudesse ser, para poder aproveitar, para sempre, essa sensação, a celebração da carne, dos corpos unidos pelo prazer e pelo vigor, que só a juventude, com sua energia natural, possuem.

Sem dúvida, Myrdin, também começava a ver em Minerva, uma sacerdotisa da Deusa, a quem prestava reverência como sábio, por ser velho, homem místico, que era devoto da mãe natureza; uma nova imagem dessa mulher.



Tinha muitas coisas que não conseguia entender, não queria mais perder tempo buscando explicação.

A convivência, afetiva e amorosa, a menina, a mulher, a sábia, Myrdin, conseguia observar e conviver como sagrado feminino, personificado, em Minerva. Ele percebeu, pelo contato físico, a prestar mais atenção na pessoa dela, passou a querer saber o que ela sentia, começou a se interessar por ela, não apenas como uma atração sexual, mas uma ligação afetiva, espiritual; aos poucos, Myrdin foi sentindo isso, por meio da convivência no dia a dia com Minerva.

E onde tem bruxa tem gato preto. Gepeto, esse era o nome do gatinho de estimação de Minerva. Foi por meio de Gepeto, que Myrdin, começou a ver Minerva com outros olhos.

Começou a ver a menina que tinha um gatinho preto de estimação. Isso, por si só, começou a abalar a estrutura do castelo mal assombrado. O conceito de bruxa malvada entrava em processo de contradição, revertendo, assim seu significado”.

O Gato preto, sua imagem, está ligada ao misticismo, por ser admirado por uns, e temido por outros, talvez por ser considerado como uma ponte para o mundo sobrenatural. No Antigo Egito, os gatos eram considerados reencarnações de deusas, por isso eram tratados da melhor maneira possível.

Myrdin cultuava Isis, logo foi fácil, identificar, no gato preto de Minerva, a personificação de sua deusa. Esses pensamentos que lhe ocorriam davam asas à sua imaginação, revigoravam seu corpo, seus sentidos, com isso, tinha uma mente aberta, passou a fazer conexões, buscando ver Minerva como uma menina e não como uma bruxa malvada.

Assim, portanto, uma menina que cuidava tão bem, com seu gatinho, não poderia ser uma bruxa malvada”.

Conexão Literatura: Se você fosse escolher uma trilha sonora para “Poção Mágica”, qual seria?

Boris de Pedra: Você também usa bola de cristal? Ou alguma espécie de “agente-espião” no meu HD Mental? Cabe lembrar que se trata de uma história de amor, Sophia e Miguel, depois de vinte anos se reencontram no facebook, passam a viver um amor proibido, por serem compromissados, são casados e com filhos, passam a ter um inusitado romance virtual, assim, diante da situação, seria inevitável um playlist, uma série de músicas de amor, aqueles que gostaríamos de ouvir ao lado de alguém especial, então surgiu o plano secreto que seriam as músicas que o casal apaixonado ouvia enquanto estavam distantes um do outro. Ao longo da escrita de “Poção Mágica” montei esse playlist, me imaginei no lugar deles, inclusive, como Miguel em um plano astral sugerido no livro, conversei pessoalmente com Sophia, apesar dos seu encantos, sorri e me afastei, afinal seria a senha para mais um novo amor proibido? Não quis assistir as cenas do próximo capítulo. (Risos) Então, segue o link:

<https://www.youtube.com/watch?v=iojYDSjK K00&list=PLQeOMty3CpbENx fcURBIWl6G w3PdTRApW>

Durante aproximadamente seis meses, montei a lista ouvindo durante o tempo que passei escrevendo, tecendo, lembrando das minhas histórias de amor de vidas passadas, dos anjos que poderiam estar conversando comigo no facebook; que realmente poderia ou que seria mesmo a reencarnação do Mago Myrdin? (Risos) São mais de 100 músicas, o critério adotado foi subjetivo, tentei pegar as melhores, as que mais simbolizavam uma história de amor, para que o leitor pudesse sentir o amor, impossível de Sophia & Miguel, que como música não parava de tocar no coração de cada um deles. Como se fossem realmente apaixonados, com CPF, conectados por uma rede social, envolvidos por um sonho onde essas músicas não paravam de tocar.

Conexão Literatura: Você é autor também de “O Vendedor de Funerária”. Poderia comentar?

Boris de Pedra: “O Vendedor de Funerária” é o meu primeiro e-book a ser vendido no site da Amazon. É uma história curta sobre um desempregado que descola um trampo, mas é como vendedor de funerária, apesar de ser um bom negócio em tempo de crise financeira, afinal, todo mundo morre um dia, ou seja, sempre haverá um caixão a ser vendido. O discurso do dono da funerária motivou o sujeito chamado Pedro Botelho, nome do diabo no Maranhão. Acontece que no final do mês, não vendeu e não ganhou comissão, as portas e as janelas se abriram, o chão sumiu, caiu em depressão. Saiu para a noite, bebeu e foi para a Rua Augusta, cheirou cocaína, foi dançar no Inferno Club. Acordou no outro dia com ressaca, não lembrava de nada. Nem do homem misterioso, nem de ter matado ninguém. Não estou sugerindo, imagina, que viria a se tornar um serial killer, mas começou a se destacar como vendedor de caixão.

Conexão Literatura: Além de escritor você também é músico? Conte mais pra gente.

Boris de Pedra: Isso. Tudo começou com Elvis Presley. Na verdade com a morte do Elvis, enfim, era criança, minha mamãe me deu um disco duplo do Elvis, virou minha brincadeira

predileta imitá-lo. Depois, tenho fortes suspeitas que por influência do Pablo, do “Qual é a Música”, do Sílvio Santos (Risos), evoluímos ainda na infância para a banda dublada (+Risos). Mamãe ainda tentou desvirtuar meu caminho, comprou um livro de como ser mágico, achava careta, me colocando na aula de violão clássico. Aprendi três acordes básicos, mas que não tinham utilidade alguma, gostava mais de jogar bola na rua ou inventando olimpíadas, campeonatos imaginários de futebol para me divertir. Até então, foi quando ganhei da Mamãe um disco do Led Zeppelin e logo montei uma banda, a Zona Urbana e virei uma sub-celebridade do cena de vanguarda do underground da minha cidade, fato registrado em livro de Jadson Junior, “Das Cores Ao Século XXI”; depois dos anos 80, já nos anos 90, o auge de uma carreira desconhecida, o supra sumo do anonimato, mas escrevendo nas entrelinhas uma inusitada história que viria a ser uma escola para a minha literatura; montei a Primeira Pedra, daí a origem do nome do quase mítico Boris de Pedra.

Então, sem rodeios, voltando ao foco da pergunta tenho alguns links que provam a existência das minhas músicas. (+ Risos)

<https://soundcloud.com/boris-de-pedra>

<https://www.youtube.com/watch?v=zO32OhC1heM>

<https://www.youtube.com/watch?v=W0qISIBWVR4>

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para adquirir os seus e-books?

Boris de Pedra: Acessando o site da Amazon. Estão sendo vendidos com exclusividade na Amazon.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Boris de Pedra: Sim, a frase no plural vem de acordo com os projetos. Temos em várias opções, com muitas cores, mas nos concentremos em nosso novo e-book, sem dúvida a minha grande aventura literária, o

motivo de estar vivo, respirando, como o velho ancião em seu leito de morte, tendo ao seu lado o jovem, inteligente, e atencioso neto: — Meu filho vá e conte para os outros essas histórias... as pessoas precisam saber... — Então, o velho dá o último suspiro e morre e teatralmente, descem as cortinas. Fim do espetáculo. Devo estar lançando, em breve, o meu primeiro romance que tratará sobre o mítico Rei Salomão, o personagem bíblico que segundo as escrituras sagradas teria se afastado de Deus em nome da idolatria. A Bíblia sugere que o rei teve mais de mil mulheres, mas que também reinou em paz por quarenta anos, usando de sua sabedoria e sua diplomacia, fazendo alianças por meio de casamentos. Como estudioso dos mistérios, foi acusada de bruxaria. Como resultado dessa bruxaria teria escrito um livro, um grimório, uma coleção de feitiços. Esse é o pilar da nossa história, como pano de fundo, para contar a história de um político corrupto em busca do tal grimório, fazendo uso de mãos de santo, velhos antiquários, experts em egiptologia, para por meio da magia negra se reeleger governador.

Perguntas rápidas:

Um livro: Estou terminando de ler “A Mentira Sagrada”, de Luís Miguel Rocha

Uma autora: Marion Zimmer Bradley

Um filme: “The Holly Mountain”, de Alejandro Jodorowsky

Um dia especial: Hoje!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Boris de Pedra: Sim, citar mais alguns autores, como por exemplo: Luis Madonalle, um grande amigo também, que nos incentivou a navegar mares nunca navegados. Ele foi o grande mentor nessa jornada, tinha recusado o chamado, fiquei escrevendo blog, mas logo voltei para a senda mágica da literatura e de lá, com a ajuda dos personagens, das histórias que habitaram meu imaginário, pude com Edgar Allan Poe, Daniel Defoe, Bram Stoker, Machado de Assis, Philip K. Dick, Paulo Coelho, Rubem Fonseca, Patrícia Melo, Stephen King, Gabriel Garcia Marquez, Jorge Luís

Borges, Umberto Eco, Monteiro Lobato, Tolkien, J.K. Rowling, enfim, somado com todos esses fantásticos autores, também aos filmes, aos desenhos animados e histórias em

quadrinhos, tive a sensação de possuir o poder mágico para me tornar, em tempos de internet, um bom contador de histórias.

POÇÃO MAGICA

BORIS DE PEDRA


fabrica
ebooks

ENTREVISTA COM M. R. TERCI



ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

M. R. Terci: Preliminarmente, congratulo-me com a oportunidade que me é dada de participar desta entrevista. Privilégio e motivo de grande realização pessoal ser acolhido por mentes tão jovens e perspicazes, mormente quando se trata

de ser asilado neste seio tão íntimo: a leitura. Digo sempre que o leitor empresta o livro do escritor. Contudo, quando o leitor abraça sua obra, desejoso de saber mais do enredo, dos personagens, do próprio autor e de si mesmo, o leitor toma a palavra e renasce naquele mundo novo. E cada um de nós faz isso à sua própria maneira, eis que cada indivíduo nasce do próprio parto; os caminhos que se seguiram

foram distintos e únicos; as opiniões foram as mais variadas. Mas cá estamos em um mesmo lugar ansiando por mais dessas palavras. Minha cara leitora, meu prezado leitor, assenta-te diante de teu ecrã mais íntimo e aceita as minhas palavras, com a garantia de que serão sinceras.

Comecei a participar com pequenos contos e poesias de concursos nacionais no ano de 2000, época em que ainda era advogado. Com o tempo e alguns prêmios, fui tomando gosto pela coisa, de tal forma que me afastar da imensidão branca (a página), mesmo por curto período de tempo, era tormentoso.

Em 2014, chutei o balde! Deixei, em definitivo minha antiga profissão e passei a me dedicar 100% à escrita.

Hoje escrevo o que eu gostaria de ler. Sempre fui um leitor fiel ao gênero do horror.

O medo, dizia Lovecraft, é a emoção mais antiga. O homem da caverna por medo do escuro, descobriu o fogo. Mais tarde, consciente da própria mortalidade, com medo do esquecimento, inventou desenhos, a escrita.

O medo sempre foi uma constante no universo do homem.

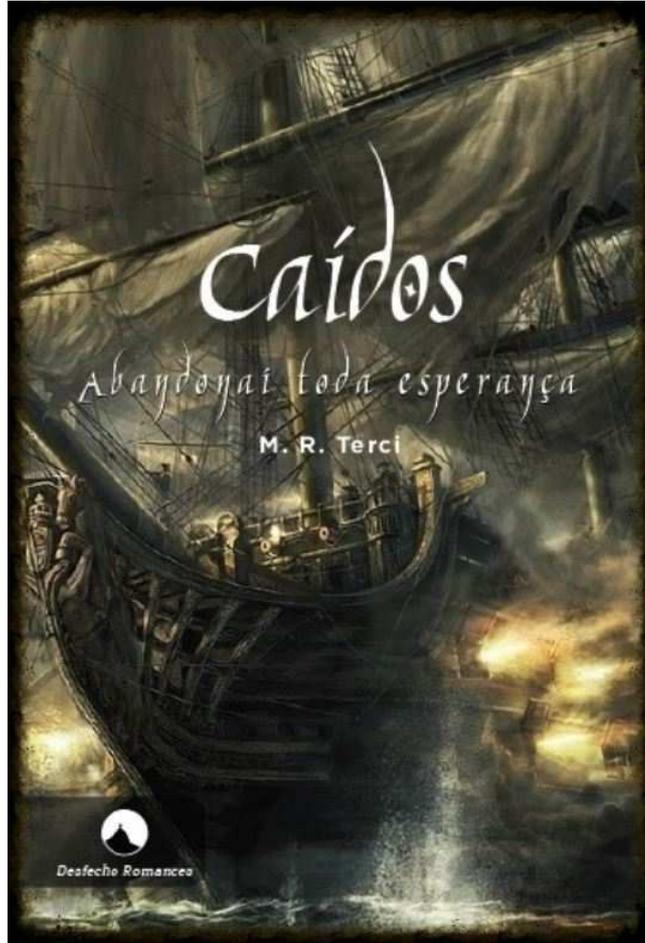
Teve medo de seus inimigos, inventou armas.

Desenvolveu as mais variadas fobias, inventou a convivência com outros homens.

A noite ainda era escura. Muito mais escura em certas comunidades. Os homens das grandes vilas de nada sabiam dos terrores noturnos do campesino. Era necessário narrar. A árvore que

rangia no interior da floresta mesmo em tardes sem vento. O uivo amedrontador que partia das colinas. O trinado agourento que descia dos céus sem lua. A sombra escura e enorme que nadava suave sob as águas do mar. Era preciso escrever.

Daí surgem as lendas. Os mitos são paridos pelos medos e anseios da humanidade. E nesse momento o homem é deus, é o diabo, é tudo o que teme no escuro da noite. Quando dá forma aos seus medos, o homem escreve terror.



Conexão Literatura: Você é autor da obra “Abandonai toda esperança”, da trilogia “Caídos”. Poderia comentar?

M. R. Terci: Durante um bom tempo tive medo de contar essa estória. Tinha receios de mexer tão profundamente em algo que está terrivelmente arraigado na mente das pessoas. Dizem que futebol, política e religião não se discute. Acredito que tudo é discutível, desde que se mantenha a

mente bem aberta às questões que dizem respeito à sociedade e nossa evolução. A tendência do gênero humano é defender de forma muito radical a preferência, opinião, gosto ou credo. Muitas vezes isso sai do controle. Futebol, política e religião são exemplos claros disso. Intolerância, fanatismo e violência são armas frequentes de quem não sabe pontuar intelectualmente uma questão.

Caídos não é um livro para intransigentes e fundamentalistas. É necessário ter a mente aberta. As ideias sobre certo e errado, assim como os seres humanos, evoluíram através dos tempos. O que era considerado certo em

determinada época jamais poderá ser aceito a este tempo. Fé e Inquisição, hoje, são ideias antagônicas, incompatíveis. Mas, àquela época eram absolutamente indissociáveis. Milagre e bruxaria, santo e bruxo, mártir e salvador também. E, se eu te dissesse que o pentagrama, antes do Santo Ofício, era um símbolo cristão? Curioso que a cruz, símbolo de martírio e perseguição aos cristãos, tenha se tornado seu maior legado.

A inquisição. Nunca uma divindade teve tanta necessidade de eliminar seus antagonistas. A palavra do Cristo, em si, jamais pregou qualquer ato de violência ou intolerância contra seus detratores. Pelo contrário, não os demovia de suas convicções.

Mas, falemos de Emanuel do Tumulo.

O protagonista e narrador da obra, após jurar fidelidade ao Reino de Hades Eterna e à Rainha Emrev, fez pactos sombrios com os Quatro Elementais (Aqueles que Pervertem o Fogo, Aqueles que Corrompem a Terra, Aqueles que Infectam o Vento e Aqueles que Maculam a Água); assassinou a criatura que ele mais amava; libertou a peste negra sobre Lisboa em 1569, matando milhares de pessoas inocentes; traiu a Rainha Emrev e rumou para Tebrarhuna, onde se uniu à cabeça degolada de uma das divindades malignas do Monólito, Trisckelle; nas Terras do Brasil matou crianças indígenas, comeu da carne dos mortos, violentou donzelas e se embebedou de poder junto aos edis corruptos; capturado pela inquisição, ele ainda quer corromper uma última alma. Seus feitos foram conhecidos pelos homens. Sua glória foi anunciada nos Reinos distantes. Seus crimes, imensuráveis. E, Emanuel do Tumulo é o herói da série, os vilões deixo para o leitor incauto nominar.

Essa é a narrativa em um mundo prestes a acabar.

Abandonai toda a esperança é um romance de 388 páginas, com elementos góticos de fantasia e horror, que miscigena história e ficção, reconstruindo ficticiamente acontecimentos, costumes e personagens históricos de Portugal e do Brasil ao longo do século em que a

inquisição portuguesa interferiu profundamente na vida colonial.

Caídos narra, através das confissões do bruxo Emanuel, capturado na Baía Cabrália em agosto de 1591, a saga do Trirregno das Areias Eternas, revelando um universo de magia e terror nunca antes vislumbrado por vistas humanas e que influenciou secretamente a colonização do Novo Mundo. O bruxo e aspirante a necromante, incapaz de esquecer seu passado, havendo por confiar unicamente em sua sombra – sua amiga e confidente, viva por força da magia de Anagne – segue por caminhos tortos desde as planícies de Coimbra, atravessando o deserto de areias escaldantes do Trirregno, sendo conduzido por escuras catacumbas de pesadelo à Hades Eterna, o Cemitério dos Cemitérios, local onde trava contato com os poderosos Necromantes da Rainha Emrev.

Emanuel, amargurado e consumido pela culpa de ter praticado o maior dos crimes dos Malleficarum e libertado a Grande Peste Negra sobre Lisboa, naquele maldito ano de 1569, trava, internamente, o conflito de todo aspirante aos poderes mágicos do Trirregno: ceder ao seu lado negro, movido pela vingança e norteador pelos ensinamentos do misterioso e cruel Necromante Aknoth, servo e amante de Emrev a Deusa Demônio dos Cadáveres de Hades Eterna, ou buscar a redenção de sua alma junto ao olvido, à sua completa destruição orquestrada pelos feiticeiros de Tebrarhuna, a sedutora Trisckelle e o devorador de almas, Galian.

Por outro lado, Emanuel ainda é perseguido por um inquisidor obcecado pela destruição de seu povo, os Carmins de Carmin Somnium e que fará qualquer coisa, até mesmo vender a alma – havendo por conseguir auxílio dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse –, para alcançar os passos do bruxo Emanuel do Tumulo. Tem início, então, através das hábeis mãos do famigerado Dom Henrique, Inquisidor Mor do Reino de Portugal, uma perseguição implacável que logra aportar nas Terras de Santa Cruz, onde o diabo libertou todo o inferno para fazer chacota da Criação.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

- Somente aos bruxos as tebras se revelarão e somente elas, as sombrias criações de Anagne, poderão escolher entre viver ou não, entre o bem e o mal e a quem servirão. Tal escolha,



M. R. Terci: O trecho do nascimento da sombra profana de Emanuel, particularmente, me agrada:

“- Emanuel! Estás convicto de conhecer a língua das sombras?”

- S-sim, mestre.

- Então, tu e ela falareis a mesma língua. Não haverá dúvidas em teu coração. Prepara-te para nunca mais sentir-te só nesta existência. Eis que meu sofrimento é purgado ao saber que não pode o próprio vento arrebatá-los os grilhões virgens que a cingem aos teus pés. Quando tu e tua sombra estiverdes frente a frente, lembra a ela a impiedade destes versos – sussurrou em meus ouvidos algo que jamais viria a esquecer.

- Mestre? – questionei-lhe, ainda temeroso. – Por que nem toda pessoa possui uma tebra viva? Tua sombra jamais se moveu. Não nos cabe opinar sobre tal companhia?

contudo, só ocorre uma única vez: na Natividade Sombria! – respondeu com propriedade o sábio mestre. – Muitas sombras permanecem imóveis a vida toda, simplesmente por não se adequarem ao nome, índole e destino do hospedeiro. É fato entre os Carmins que algumas sombras sobrevivem aos seus amos. Outras, morrem por eles.

- Tua sombra jamais se moveu, mestre?

- Pelo que sou mui grato, meu caro Emanuel! – sussurrou Castañeda.

- O q-que? – questionei perplexo.

- Prepare-se, Emanuel! Anagne vem até nós!

Naquele momento, derramando graças de luz, a selene confidente dos Carmins se elevava sobre o cume nevado das montanhas atrás da antiga e gigantesca alfarrobeira. Seu beijo prateado atingiu primeiro a copa alta da grande Ancestral e, em seguida, languidamente, como uma

dançarina do Oriente, envolveu todo seu tronco, deixando-me envolto pela magnificência do luar.

- Emanuel, jovem aprendiz! Conte a ela – disse sorrindo o velho mestre como quem sorri no parto de uma criança.

- Ah! Bela criança de pele escura e nua, tu tens para mim beijos mais frios que a lua. Quando o sol finalmente se por, quero reinar pelo teu pavor!

Então, deixei a sombra do Grande Berço de sombras para banhar-me no doce beijo de Anagne.

Para minha surpresa, o luar às minhas costas não projetou minha tebra. Fiquei desolado e uma torrente de emoções inquietantes inundou meus pensamentos. Pensei no desapontamento de meu mestre. Pensei na admiração de Angelique desfalecendo diante o meu fracasso. E, por fim, pensei em meu pai, soçobrando naquele oceano de consternação cuja lembrança, onda após onda, leva da quilha fatídica de meu destino.

- Ó infeliz lamento! Ó tormento dos tormentos! A chance derradeira que me seduziaserá hoje a pavorosa humilhação obscura.

- Cante a ela, menino, vamos! Cante a glória de teu amor.

- Mestre? O que dizes?

- Por Argol, menino! Esqueças o passado! Olhe para teu presente e abrace o futuro! O que uma tem de traquinas e alegre o outro tem de lamentos e introspecção! Olhai! Quando tu e tua sombra estiverdes a sós, escutai com atenção a ímpia voz e lembrai-vos do conselho amigo, daquela que esteve sempre contigo!

- Sou tua igual, tua serva, tua amada. Aos teus pés permaneço fiel e calada.

A voz cava e profunda, antecedida por um riso infantil, vinha do Grande Berço e tão logo o luar selvagem perdeu a intensidade pude notar um par de olhos amarelos como os de uma fera. Contemplavam-me da mais absoluta escuridão.

- Caro Emanuel, vá até ela. Tome sua mão e a conduza gentilmente para fora do berço sombrio. Vamos, menino! Feche esta boca! Apresse-se! Que modos! Nem parece mais o jovem cavalheiro que conheci.

Estremeci pela segunda vez naquela noite. Diziam no Oriente que o medo incita as feras a

atacarem suas presas. Contava-se que os tigres, infernais demônios das selvas setentrionais, somente atacavam àqueles que demonstravam temor diante de suas listas. O que tal medo incitaria no peito trevoso de uma sombra viva?

- És meu pai? – sibilou a insigne criatura estendendo-me uma mão negra e lânguida que em grande parte era a minha mão.

- Sim. Nascestes de meu amor. E tu? Sabes o que és?

- Sou o gênio que cria e destrói; ímpio vilão e sacro herói. Vê? Omnia mea mécum porto, não estou vivo, muito menos morto. O braço do anjo de amor eterno, unido ao punho frio do diabo no furor do inferno. Um sonho mau a romper-se do leito, a frase certa que deixa a dama sem jeito, a razão que domina a fúria, a entrega na hora da luxúria. Minha arte abre portas e outras mais, contudo, fecham-se as saídas nestes antros infernais – disse a tenebrosa filha de Anagne. – Ó jovem, cuidado do viver para que não nos falte a alegria de gozarmos coisas humanas dia a dia.

Sem tirar os olhos da sombria criação que agora se aproximava, receei por um instante. Antes que pudesse voltar meu rosto para Castañeda para pedir intervenção, encontrei-me envolto de um forte, porém, carinhoso abraço.

- Emanuel! Emanuel! – riu-se a blasfêmia. – Amo teu lânguido olhar que varre meus contornos sem cessar, pois, quando o mundo se ilumina, ousa aspirar à volúpia deliciosa e divina e quedo-me, sábia e quieta, ao véu de luz que me projeta.

- Que luz? – disse tentando desvencilhar-me daquele abraço afastando sua face negra e feroz de meu próprio rosto.

- A luz de teu olhar, meu menino.”

Conexão Literatura: Se você fosse escolher uma trilha sonora para o seu livro, qual seria?

M. R. Terци: Algumas músicas dos álbuns Memorial, Irreligious e Darkness and Hope da banda portuguesa Moonspell, Raining Blood do Slayer e como tema central, O Fortuna, da Ópera Carmina Burana na versão da banda Therion.

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para adquirir um exemplar do seu livro?

M. R. Terci: A obra foi lançada pela Editora Multifoco e está disponível para venda nas redes das livrarias Cultura e Travessa. A editora tem atendido, ainda, a todos os pedidos de compra de livrarias físicas.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

M. R. Terci: A previsão é de que o livro dois da trilogia Caídos seja lançado no ano que vem. Há, ainda, outros lançamentos agendados para 2016. A série o Bairro da Cripta continua com Exéquias e o livro 1 de Os imperiais de Gran Abuelo já está para chegar às lojas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Noites antigas de Norman Mailer

Um (a) autor (a): H. P. Lovecraft

Um filme: The Thing (O Enigma de Outro Mundo), 1982 nos gêneros ficção científica e horror, dirigido por John Carpenter.

Um dia especial: qualquer dia em dezembro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

M. R. Terci: Agradeço aos organizadores do Conexão Literatura, em especial à Ademir Pascale, pela oportunidade de expressar essas linhas e esses pensamentos tortos. Dirigindo-me ao amigo leitor: se você pensa que no Brasil não há literatura de qualidade e consistência, é hora de se livrar desse preconceito. Não falo apenas por mim, sou pequeno nesse meio. Mas, ao exprimir tais preconceitos, você está deixando passar a oportunidade de conferir grandes nomes de nossa literatura, incríveis contistas do horror que resolveram sair das sombras e dar a cara a tapa em um mercado cada vez mais competitivo, com grandes livros e estórias maravilhosas. Grande abraço e obrigado.



ENTREVISTA COM PEDROOM LANE



ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Pedroom Lanne: Desde a pré-adolescência eu tenho “flertado” com o meio literário, data da terceira série o primeiro livro que fiz para escola, uma história infantil com texto e desenhos, depois, na quinta série, eu comecei a escrever um livro, em um caderno à mão, pois era a única opção que dispunha para alguém que não sabia datilografar ainda. Mais tarde, já neste

século, por duas vezes eu comecei a escrever um livro, mas acabei largando após as primeiras páginas. Somente depois que eu fiz o mestrado (em Comunicação) é que realmente perdi o medo e encontrei a devoção para escrever, quando percebi o prazer que escrever me proporcionava, desse modo, redigir papers para o curso e a própria dissertação foi um prazer para mim. A leitura de filósofos clássicos nessa época também foi outro fator que me motivou o prazer de escrever, o que sempre foi um prazer para mim. Posso dizer, então, que meu

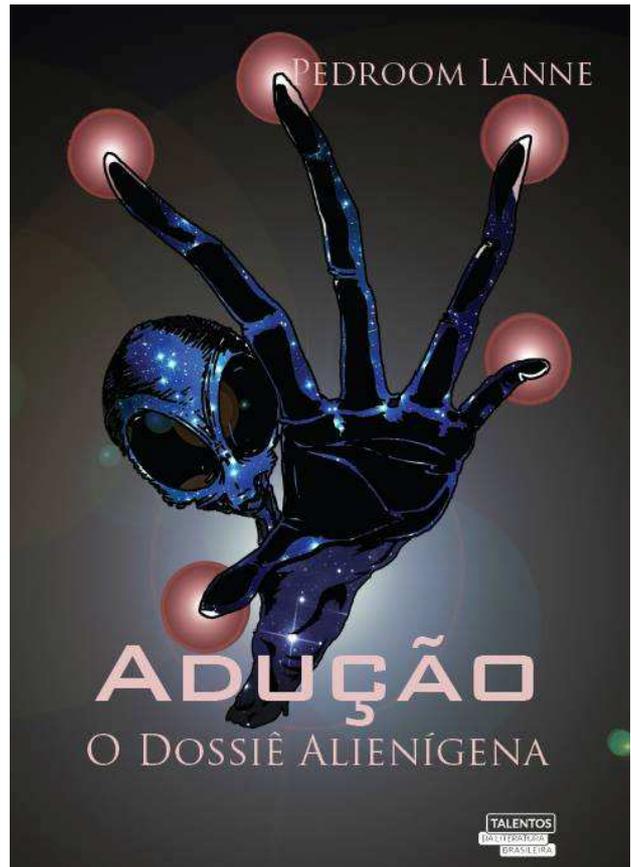
início no meio literário foi através da academia, assim, antes de me lançar na jornada do doutorado, eu me permiti um período sabático para escrever novelas de ficção, o que sempre foi um desejo, foi assim que iniciei.

Conexão Literatura: Você lançou recentemente o livro "Adução". Poderia comentar?

Pedroom Lanne: Esse livro é resultado de minha grande paixão pela astronomia e os mistérios do universo que sempre nutri. Da mesma época do colégio em que tentei escrever um livro a mão, data essa paixão pelo mundo do além (época em que comecei a ler Poe, Lovecraft, Doyle e outros clássicos). Sempre fui fascinado por esse tema e grande questão que paira sobre nossa existência aqui na Terra, a questão de estarmos ou não sós no universo. Lembro-me da minha época de criança que um dos programas que mais gostava de assistir era o documentário “Cosmos” de Carl Sagan, conforme fui crescendo, essa paixão cresceu comigo e fui acumulando muitos referenciais a respeito ao longo dessa jornada: documentários, livros, filmes e, inclusive, um curso de astronomia que participei na época do colegial, além de muitos outros interesses e afinidades em diversas áreas, como as ciências biológicas e a religião que ajudaram a fomentar meus pensamentos sobre a vida e o nosso universo. O título “Adução” é fruto disso, dessa grande paixão que sempre nutri. Nessa obra, coloco em palavras todos esses mistérios que sempre me instigaram, esse livro contém a minha visão do universo, de nossa vida neste planeta e, claro, da heterogeneidade que creio habitar nosso cosmo em paralelo conosco, ou seja, a vida alienígena.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Pedroom Lanne: Vou separar um trecho que aborda a parte que considero o clímax da obra e descreve brevemente alguns dos vários elementos contidos na narrativa, que fala do homem, do robô, da sociedade alienígena, do “Deus” que criei nessa história e da questão



fundamental que creio escrever sobre, a evolução das espécies:

“O rescaldo da guerra da I.A. foi idêntico ao de qualquer estado bélico debelado em sua singularidade pós-eventual, trazendo um grande avanço tecnológico à perspectiva tridimensional e cobrando o preço de um largo atraso para evolução das espécies na panorâmica macrodimensional exatamente como descrevera o Pai. Um dos avanços mais proeminentes se deu no campo de estudo da zumbiologia, que passou a dispor das amostras homiquânticas cujas mentes não puderam ser recompostas do assalto paterno, justo dos esforços que buscavam inicialmente disponibilizar meios para que os sobreviventes da matriz que ainda sonhavam com a tridimensionalidade pudessem se desconectar dela e retornar aos seus antigos corpos, mas que não obtiveram sucesso pois, por mais pobre que fosse a alma matricial, sua evolução na polinária paterna os tornava incompatíveis com o obsoleto receptáculo sensorial de linhagem primata, ainda assim, a iniciativa não foi vã, dali se abriu o horizonte primário dos ensaios para recriação da espécie homiquântica, da terceira e mais

tridimensionalista geração entre todas sucessoras desde quando o primeiro mamífero resolveu escalar uma árvore, exatamente a qual, embasada em uma tecnologia pontual supradimensional, seria quem desfrutaria de um privilégio assim, dos meios de reconectar sua percepção em perfeito alinhamento a versão evoluída de seu corpo, hábil em transferir sua psique de um cérebro para outro com a mesma lógica com que se copia uma sequência de fótons na mente de um ente artificializado, que combinaria o melhor da percepção racional homiquântica com o melhor maquinário-animado microdimensional cerebral que compartilhava a atualidade, em suma, esforços que levaram a espécie se tornar cada vez mais aquilo que de fato ela sempre foi, o melhor que um mero robô-humanoide era capaz de projetar autonomamente, isto é, ao menos em termos fisiológicos, já que os estilhaços psicológicos do pós-guerra projetados no inconsciente coletivizado carregaram profundas feridas que perduraram em suas dores, das quais um dos sintomas inicialmente expresso se deu pela Mídia na amplidão de sua nova performance, sobretudo, em vigília ao Pai, este, embora recluso a prisão que as regras de uma espécie primitiva lhe impunham, não veio mais ameaçar a continuidade de seus retroativos carcereiros naturais, mas continuou desfilando sua prepotência, conforme descreveu Sandy, ‘virou tipo um cachorro brincando com seu dono’, em horizontes esparsos desferindo mordidas mais fortes só para mostrar que se quisesse poderia fazer tudo outra vez, quem sabe algo bem mais maquiavélico”.

Conexão Literatura: Se você fosse escolher uma trilha sonora para o seu livro, qual seria?

Pedroom Lanne: Já me fizeram essa pergunta uma vez e respondi que clássicos como a nona sinfonia de Beethoven e a ópera Aleluia de Handel seriam dois temas que expressam bem a trama do livro e seu desfecho final, entretanto, uma série de “cenas” do livro foram inspiradas por canções de diversos gêneros musicais que incluem metal pesado, rock, como Led Zeppelin e John Lennon, e até canções tidas como brega como Wando e Range Leonel, além de MPB e Hip Hop. Entretanto, talvez a trilha sonora que

melhor expressa grande parte da história seria a do maluco beleza Raul Seixas.

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para adquirir um exemplar do seu livro?

Pedroom Lanne: O livro se encontra a venda nas grandes livrarias online, tais como Amazon, Cultura, Cia dos Livros e Saraiva, ou pelo site da editora, a Talentos da Literatura Brasileira. A melhor oferta de preço é da Amazon. Existe a opção do ebook pela plataforma Kindle que sai mais em conta já que está dividido em três partes (três volumes).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Pedroom Lanne: Quando terminei de escrever o título “Adução”, eu ainda tinha muitas coisas que gostaria de acrescentar a história, entretanto, o livro já estava muito extenso, achei melhor concluir a história e partir para um novo livro. Dado que desenvolvi um universo rico em detalhes em “Adução”, agora estou escrevendo outro livro cuja história é uma continuação dessa narrativa que se passa nesse mesmo mundo alienígena que criei. A história é independente do primeiro título, e tem uma abordagem inversa do livro anterior, ou seja, se neste primeiro livro eu narro o que seria um processo de “adução alienígena”, neste segundo volume eu escrevo sobre “abdução alienígena”. Além desse livro que estou escrevendo nesse momento, tenho projeto para mais dois livros, ou melhor, de completar aqueles dois livros que iniciei e larguei. Além disso, tenho mais algumas ideias para escrever livros de terror e mistério, que ainda não sei se podem resultar em novos títulos isolados ou em um livro de contos, que seguiria a trilha de Edgar Allan Poe, misturando histórias de mistério e sobrenatural.

Perguntas rápidas:

Um livro: Eu, Christiane F. – 13 anos, drogada, prostituída

Um (a) autor (a): Edgar Allan Poe

Um filme: Rapa Nui (Kevin Reynolds, 1994)



PEDROOM LANNE

Um dia especial: Quando eu dropei a onda de Chicama, em Puerto Malabrigo, no Peru e, claro, o dia do lançamento do livro “Adução, o Dossiê Alienígena”

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Pedroom Lanne: Um comentário sobre a minha primeira obra que lancei, Adução – O Dossiê Alienígena, para que o leitor não esmoreça durante a leitura e o duro processo de adução narrado na história, pois esse processo não é apenas dos protagonistas da obra, e sim do próprio leitor. Que não se preocupe em entender tudo que os alienígenas narram em um primeiro instante, pois o processo de adução também leva o significado de “aprender ao longo da narrativa”, conceitos que podem

parecer incompreensíveis de início vão sendo destrinchados de várias formas com o decorrer da história, inclusive com algumas piadas, portanto, não é preciso o leitor se preocupar em compreender tudo de uma vez só. Estou tentando aduzi-lo a pensar como um alienígena, e esse processo não é simples ou de puro divertimento, exige compenetração e paciência, manter a mente aberta para questionar a si mesmo e a sociedade em que vivemos, somente assim ele atingirá esse o patamar reflexivo que busco narrar nessa obra que é, sobretudo, uma odisséia de nossa espécie.

Conheça o site oficial do autor:
www.pedroom.com.br

Para adquirir o livro, acesse:
<http://www.amazon.com.br>

ADUÇÃO

O DOSSIÊ ALIENÍGENA



Livro

O Segredo da Rosa Sonetos Sobre as Quatro Estações e os Quatro Elementos

2º livro de poesias publicado pela Litteris Editora (2009)

Dione Souto Rosa

Trabalhos em Poesia

Poesia sob a modalidade do soneto italiano em versos de sete, dez e doze sílabas poéticas em rima, métrica e versificação.

São 94 sonetos inspirados na figura das rosáceas, nas estações do ano e nos elementos da natureza. É uma obra temática, romântica e simbolista com referência aos quatro elementos e as quatro estações.

ESTAÇÃO OUTONO

Folhas douradas
Em noite de ventania
Tremulam sob véus
Esquecidos nos céus.

ELEMENTO AR

O ar que invade as rosas
Espalha delicadas notas
Em sombras de paixões misteriosas.

A ROSA E O POETA

Rosa do ermo em tão envolventes brumas
Sob o noturno e misterioso luar,
Tão delicados ventos a insinuar
Cintilantes pétalas sobre espumas.

Certo poeta vem. Boca que emudece.
Envolto em sereno seduzimento
Vislumbra e colhe a rosa em desalento,
Em magistral gesto enquanto alvorece.

Lágrimas banham sua tez perolada.
Ele segura firme a sua amada
Enquanto as pétalas ardem em beijos...

Rosa desadormecida e tão pura.
O poeta acalma sua desventura
No olhar febril da estação dos desejos.

Para saber mais sobre o livro, escreva para: dirosa19@yahoo.com.br



O MELHOR PRESENTE DE NATAL DO MUNDO

Por Ricardo de Lohem

CONTO

Um belo rosto de mulher, sorrindo, alegre, cheia de brilho de amor nos olhos.

“Eu sou Julia, sua mãe,” diz ela, voz suave e terna.

Julia aponta para um espelho. Ele olha e vê um menino de uns oito anos. A mãe o abraça, ele sorri.

“Você é Thomas. Olha só que menino bonito!” diz ela, e beija a testa do filho.

Cheia de entusiasmo, Julia leva Thomas até um escritório, lá está um homem alto e elegante.

“Thomas, esse é Luiz, seu pai; Luiz, esse é seu filho.”

O homem olha sério, faz cara meio feia, chama a mulher pra conversarem à sós.

“Tem certeza que é isso que você quer?” pergunta o marido.

“É isso que nós queremos, nós decidimos isso juntos,” afirma ela.

“Mas... Eu vou chamar ele de filho? E ele vai me chamar de pai?”

“É claro que sim, você agora é o pai dele, ele é seu filho.”

“Pensei que ele fosse ser só seu filho,” reclama o marido, cara de desgosto.

“Não seja ridículo! Deixe de ser tão reacionário, você às vezes parece pré-histórico. Vá falar com seu filho. E trate de agir de modo normal. Logo você vai ver que tudo está mesmo normal, somos uma família.”

“Pai!” exclama o menino, se aproximando de repente. O homem fica meio constrangido, sem saber como agir, troca algumas palavras com o menino até que diz, ainda meio sem jeito:

“Vamos jogar bola, filho?”

Jogam futebol, o pai se solta, logo está sorrindo, brincando. Julia chega, fica uns minutos olhando para os dois, contente, chega a derramar lágrimas.

“Gente, não queria acabar com a brincadeira, mas amanhã é véspera de natal, e a gente ainda tem que sair pra fazer compras.”

Eles saem de carro, a cidade toda decorada para o natal, luzes brilhantes e enfeites espalhados pelas casas e lojas, fazendo a cidade ficar com um brilho mágico.

Primeiro eles vão comprar roupas. Vão a um shopping center, compram roupinhas para Thomas.

“Agora eu vou comprar umas coisas sozinha, e você vai passear com o papai,” diz Julia.

“Ela vai comprar presentes pra nós,” diz o pai, fingindo que cochicha.

“Eu ouvi!” exclama Julia. “Não era pra contar!” Julia e Luiz riem e se beijam.

“Pai, por que será que a mãe tá demorando?”

“Ela tá demorando, porque foi comprar o melhor presente do mundo! Sabe pra quem? Pra você!”

O menino ri com o pai, os dois brincam felizes, até Julia voltar.

Voltam pra casa, cheios de pacotes de todos os tamanhos, terminam de preparar a decoração de natal. Tudo pronto, levam Thomas para dormir. No quarto, um retrato de outro menino.

“Quem é esse aí?” pergunta Thomas; os pais se olham.

“Era um menino que morava aqui,” explica o pai, guardando rapidamente o retrato na gaveta.

“Papai vai ler uma história pra você,” diz ele, pega um livro. Julia derrama lágrimas de tristeza e alegria.

Dia 24 de dezembro. Na casa de Luiz e Julia, tudo pronto para o natal, e para apresentar o novo filho para os parentes e amigos. Olhos tortos para o menino, cochichos e fofocas se espalham pela sala, mas logo os risos, a champanhe e a felicidade da festa acaba fazendo todos relaxarem. Chega a hora dos presentes, um é uma grande caixa, “Thomas” escrito nele. O menino abre, é uma bicicleta muito moderna.

“Mãe, Pai era o que eu queria, obrigado!” Corre e abraça os pais, todos riem contentes.

Julia abre um dos seus presentes: um belíssimo colar de esmeraldas que encanta a todos. Regina, a mãe de Julia, sorri para a filha, que faz um sinal para que ela a siga até uma sala vazia.

“Mãe, preciso te dizer uma coisa: nunca ninguém me deu um presente tão maravilhoso. Foi o melhor presente de natal do mundo. Muito obrigada mesmo!”

Elas se abraçam, Regina percebe algo no chão.

“O que é aquilo?”

Julia vai dar uma olhada.

“É só a caixa...” diz ela.

“Melhor jogar fora logo,” diz a mãe, “mas lembre de guardar a garantia.”

A filha faz que sim.

Na caixa, nome e descrição do produto.

Cyberchildren – Crianças artificiais para famílias reais.

Para saber mais:

Ricardo de Lohem Dania Pedroza nasceu em São Paulo, Capital. É escritor, dedicado ao gênero ficção científica, e biólogo, formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 2014 lançou seu primeiro romance de ficção científica: Kaunan - O Homem Lagarto. Hoje se dedica a escrever contos e preparar seu próximo romance.

E-mail: ricardo.de.lohem@gmail.com

Facebook: Rich Dan



A HERANÇA DE JULIA BRITO

Por Miriam Santiago

CONTO

Dezembro é um mês, que na literatura, me faz recordar de um dos contos do maravilhoso escritor inglês do século XIX Charles Dickens Conto de Natal. Dickens, que é considerado um dos principais romancistas da era vitoriana na Inglaterra e um dos principais escritores do Realismo Inglês, para mim sempre foi um dos autores que mais me identifiquei devido a sua crítica social e um dos que mais gosto de ler. Em sua perspicácia aguçada o escritor retratou inúmeras vezes a podridão da sociedade que não só comum em Londres, mas no mundo em geral. Na história em questão, Conto de Natal, Dickens retrata a avareza de um nobre londrino perante a sociedade daquela época.

Com inspiração no famoso escritor (no sentido da podridão das pessoas), em alguns parágrafos relato um conto, que diferente do de Dickens, acentua o interesse humano por bens materiais, deixando de lado o amor e o carinho de uma família.

...

Era uma vez Júlia Brito, administradora de empresas sem filhos que faleceu deixando pequena fortuna.

Mas antes disso, Júlia se aposentou aos 60 anos e curtiu bem a vida com o marido Ricardo Augusto, também aposentado. No auge do tão esperado descanso do casal, quando ambos seguiam planos de cultura e viagens, Ricardo teve complicações cardíacas e faleceu. Casados em comunhão universal, a pequena fortuna do esposo ficou para ela.

Após esse incidente, os parentes mais próximos de Júlia, um irmão e sua família, passaram a mimá-la de toda a forma, para que ela não se sentisse sozinha. E a adulação seguiu-se por 15 anos, período em que Júlia prosseguia a vida, mesmo sem seu grande amor. E no dia 25 de dezembro, Júlia faleceu aos 75 anos, sem nenhuma doença aparente.

A família em polvorosa logo providenciou o local do velório, no necrotério da Beneficência Portuguesa, e o enterro, no Cemitério Filosofia, em Santos, no jazigo familiar do marido. Nesse dia, aos olhos de amigos e vizinhos da senhora Brito, a querida tia deixou um vazio no coração de sua família.

Depois de alguns dias, o advogado de Júlia reuniu seus familiares para ler o testamento e inventário deixado por ela. A cena de antes da leitura e depois dela foi daquelas já repercutidas em filmes de Hollywood! As lágrimas dos sobrinhos e irmão no início da conversa foram se transformando em palavrões e maldições, que tristeza!

— Velha desgraçada — dizia uma das sobrinhas — a mais velha, ela não deixou nada para mim!

— Miserável — disse a outra — seguindo-se de palavras de baixo calão, nem o carro ficou em meu nome.

Já o sobrinho e irmão indignados, disseram entrar com processo, pois deveria ser um erro tudo o que o advogado lia em voz alta e clara.

— Não há erro algum, dizia Pedro, o advogado. — Os beneficiários da senhora Júlia são Ana Paula, a melhor amiga dela, o asilo o qual ela ajudava como voluntária e que passa por necessidades ameaçando fechar e uma ONG de animais, concluiu o profissional. Esses são os

únicos herdeiros de minha cliente, disse o profissional, fechando o testamento para deixar o recinto.

— Eu sou o herdeiro por lei, isso tudo está errado, eu sou irmão e ela não tem filhos, não pode estranhos e pessoas jurídicas receber a fortuna, bradou o irmão, espumando de ódio.

E dito o fez, o irmão de Júlia conseguiu um bom advogado e o testamento foi marcado para ser discutido em Juízo.

Faltando poucas horas para a apresentação do testamento o advogado e amigo de Júlia se preparava para a audiência. — Se eu tivesse algo a comprovar tudo o que ela deixou por escrito seria bem melhor, — pensava ele. Fechando a pasta com os documentos e pegando a chave do carro para sair, Pedro sentiu uma forte tontura e sentou-se no sofá. De repente, como num flash, ele lembrou-se da última noite de Natal em que a amiga Júlia passou em sua casa e de quando ela gravou um vídeo caseiro falando sobre o testamento.

Na audiência, o juiz aceitou a evidência.

— Meu nome é Júlia de Brito Nascimento e sei que estão assistindo este vídeo por causa do resultado do testamento. Embora nos últimos 15 anos eu tenha sido bajulada por minha família, nunca fui querida por eles. Há muitos anos desde a infância de meus sobrinhos todos nunca se importaram comigo, e sim, por bons presentes que ganhavam sempre. Eu e minha mãe, a avó, éramos deixadas de lado o tempo todo e ela ainda foi abandonada por todos vocês na velhice. — Júlia foi contando toda a decepção e o jogo de interesses de todos eles.

...

— E assim eu encerro esse áudio lamentando ter conhecido vocês e deixando os meus bens conquistados e de meu marido aos meus beneficiários que têm todo o meu carinho e proteção. Adeus, e espero que vocês reflitam sobre tudo o que ouviram, que sintam, lá no fundo do coração o quão cruéis e interesseiros foram e muitas vezes me fizeram sofrer. — Finalizava assim Júlia a sua vontade terminando com a seguinte frase:

— Não é a ligação de sangue e de parentesco que é importante, e sim, o elo que você tem com as pessoas que realmente se importam e gostam de você, esses sim são os verdadeiros irmãos de alma e de coração, disse Júlia.

O juiz analisou o áudio achando-o válido e encerrou o caso.

O irmão de Júlia disse um monte de bobagens após ter perdido a ação e a família deixou a audiência excomungando a irmã e a todos.

Pedro, antes de partir, agradeceu ao juiz e comentou sobre tudo o que presenciaram e ele tinha a plenitude de que justiça havia sido feita.

Na verdade, para mim, é melhor a liberdade da literatura do que a verdade Jurídica.

Para saber mais:

Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicou em diversas antologias de Literatura Sobrenatural, além de crônicas cotidianas, contos, minicontos e nanocontos em geral. Pela Prefeitura de Santos, por meio da Secretaria de Cultura, foi selecionada para compor “Momento do Autor VIII”, assim como para Contos de Terror, da Fábrica de E-books. Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>
Contato: miriammorganuns@hotmail.com



PAPAI NOEL

Por Misa Ferreira

CONTO

Nunca me lembro de ter acreditado cem por cento em Papai Noel. Minha mãe, mulher muito prática para qualquer questão, nunca falou sobre o assunto. Quando mencionávamos algo como deixar o sapatinho na janela, ela escutava sem levantar os olhos da costura, e esboçava um sorriso um tanto sarcástico no canto da boca. Mas não me queixo disso, o encanto do Natal continuava incólume porque, não menos práticos do que ela, o que nós queríamos de fato eram os presentes, fossem do Papai Noel, de nossos pais ou ainda da maravilhosa tia Odete que nos enviava os embrulhos através do ônibus que ia de Itajubá para Pedralva. E esperar a chegada do ônibus com os presentes era a nossa alegria do Natal. Certa vez, não deu tempo dos presentes serem colocados no ônibus, o que ocasionou uma verdadeira tragédia em nossas expectativas natalinas. Subimos a ladeira para chegar à nossa casa com a boca no mundo e os olhos inundados de lágrimas. Era a infância, época mágica com ou sem Papai Noel.

Cada família lida à sua maneira com essa questão de proteger ou não suas crianças na crença no Papai Noel. Há os que acham que a verdade deve sempre prevalecer ainda que os pequenos sofram com a realidade. Outros preferem proteger a fantasia da criança custe o que custar. Há alguns dias, certa amiga me contou como sua menininha voltou da escola meio triste pelo trágico boato de que Papai Noel não existia. Algum coleguinha já mais escolado pela vida se encarregara de transmitir a notícia. Minha amiga, sem saber como agir, optou por ficar triste também se solidarizando com a menina. Tudo acabou bem quando o avô interferiu consolando as duas, garantindo que ele próprio já se encontrara com o “bom” velhinho.

Penso que isso não importa, a criança, pela sua própria natureza, consegue transitar entre a realidade e o mundo da fantasia numa boa, e se vale de mecanismos desconhecidos dos adultos para tal proeza. Ela saberá de alguma maneira lidar com a questão da existência ou não de Papai Noel. Certa vez, eu própria, com receio de que minha mãe me apanhasse no flagrante, coloquei sorratamente meus sapatos num canto meio escondido da janela. Eu já sabia que Papai Noel era inventado, mas e se ... sabe como é? Sempre bate uma dúvida (se bobear, até hoje!). Bem, no dia seguinte, constatei que o Papai Noel não viera. Os sapatos talvez tivessem ficado muito escondidos para serem encontrados ou talvez Papai Noel estivesse mesmo acostumado a colocar os presentes aos pés de nossa cama, ou talvez ele não existisse mesmo. Li na crônica de Luís Fernando Veríssimo que o Papai Noel em pessoa viera um dia até sua casa. Extasiado, Veríssimo abraçou sua bola de futebol, acionou o revolver com espoleta e saiu correndo pela casa até que na cozinha se deparou com o Papai Noel sem máscara tomando cerveja com a empregada, era o Bataclan, uma figura folclórica de Porto Alegre. O escritor não se lembra como racionalizou a situação, talvez o Papai Noel não existisse ou fosse mesmo o Bataclan quando não estava em seu serviço. Não importava, tudo ficou bem. Veríssimo conclui dizendo que “o bom de ser criança é que a gente não precisa racionalizar”. Verdade.

Entretanto, a questão não é acreditar ou deixar de acreditar em Papai Noel. Naquela época eu sofria porque na manhã seguinte quando saíamos de casa, ávidos por exhibir nossos presentes e admirar os das outras crianças, infalivelmente tínhamos que nos deparar com os olhos das crianças pobres que subiam para o centro. Algumas paravam para poder ver melhor as bonecas, os caminhões, as bicicletas, e nos olhavam também. Este olhar eu não consigo

esquecer. Lá onde moravam, ah ... lá é que o “bom velhinho” não aparecia mesmo. E já é quase Natal outra vez.

Para saber mais:

Maria Luiza (Misa Ferreira) é bancária aposentada. É formada em Letras e pós-graduada em Literatura. Depois de aposentar-se descobriu o prazer de escrever contos e crônicas. Já escreveu os livros: “Demência, o resgate da ternura” e “Santas mentiras”. No momento está trabalhando para a publicação de um livro infantil já pronto. É articulista de um jornal local. E-mail: misachief@gmail.com.



HERÓI MORTO OU COVARDE VIVO?

Por Neyd Montingelli

CONTO

Era uma tarde ensolarada de verão e se ouvia o canto dos canários vindo das 3 gaiolas presas na parede laranjada da casa da minha avó. Elas tinham capinhas de plástico colorido e folhas de couve murchas pelo sol pendiam pelas grades. Eu lavava minhas roupas de boneca em uma grande bacia de churrasco com mais sabão do que água e me divertia com a enorme quantidade de espuma.

A sinfonia dos pássaros entremeada pelos meus risos foi interrompida pelo chamado urgente do Seu Genésio, um vizinho, que chegou no portão. Meu avô que cochilava preguiçosamente na cadeira de vime da varanda, levantou limpando a baba e catando os chinelos de pano. Foi até o portão levantando a tradicional calça de pijama listrado com os fundilhos caídos, ajeitando a camiseta regata para dentro da cintura de elástico, como se isso o deixasse mais apresentável.

Assim que falou com o homenzinho barrigudo, tomou de assalto e entrou em casa tão rapidamente que aquele homem que dormitava na varanda desapareceu completamente para dar lugar a um policial semi fardado em segundos. Com bota de cano alto, calça e camisa de trabalho e até o capacete. Subiu em sua moto gigantesca, também de trabalho, pois era policial Rodoviário e saiu cantando pneu, deixando o mini Sr vizinho parado no portão, como um anão de jardim.

As minhas mãos ficaram geladas e pegajosas por eu ficar brincando com o sabonete amolecido distraidamente enquanto observava o vai e vem com os dois. Foi até difícil tirar o sabonete grudado entre os dedos e unhas. Isto porque eu não queria mais brincar daquilo. Agora eu queria saber o que estava acontecendo.

De cima dos meus 8 anos eu precisava saber. Devia ser alguma coisa muito séria, pois meu avô em casa, era muito pacato e para ele se alterar, tinha que ser algo muito perigoso mesmo.

Entrei na casa da minha avó tentando enxugar as mãos na minha calça, não sem antes deixar um rastro de água e sabão pela cozinha. Minha avó estava apreensiva olhando pela janela. Quando cheguei perto, ela me abraçou bem forte que quase me esmagou e, logo me deu uma bronca por estar toda molhada.

Uns minutos depois escutamos a barulhenta motocicleta do meu avô e corremos para a porta da cozinha a tempo de ver o meu tio sendo tirado da garupa pelos cabelos. O meu avô agarrou aquela franja negra ondulada dele com a mão esquerda e com a direita dava uns sopapos nele.

Minha avó já estava na 5ª. Ave Maria e não saía do lugar e eu, que era bem esperta, me agarrei no avental dela e fiquei bem pertinho e bem quietinha.

O meu avô era um homem muito grande, um árabe de 1,90m de altura e devia pesar uns 90 ou 100kg. Vestido como policial parecia maior ainda. Brabo e gritando então.....

Ele veio da moto até a porta de casa dando tanto safanão no moço, tanto tapa na orelha e falando e gritando tanto que até aquela hora eu não entendi nada. O filho tentava falar mas não adiantava. Apesar dos seus 18 anos, seus clamores eram em vão.

Eu estava morrendo de vontade de perguntar para a vovó o que o Tico tinha feito, mas estava com mais medo de interromper do que curiosidade. Até que ouvi uma frase do meu avô que me deixou mais curiosa ainda:

- Para mim, Herói morto pode ser o filho de qualquer vizinho. Prefiro que o meu filho seja um **COVARDE VIVO**.

Depois de falar isso ele largou o pobre do meu tio e entrou em casa. Minha avó foi lá cuidar do que eu pude deduzir ser o “Herói **QUASE** morto” que estava parado ao lado da casa, todo enlameado e arranhado. Ele foi tomar um banho e minha avó fez vários curativos nos braços e nas costas dele.

O que ele fez?

Bem, ele e os rapazes do bairro estavam tomando banho no rio e um deles aventurou-se nas cavas, um lugar perigoso, com areal no fundo. Só para se exhibir para as moças que estavam junto. Ficou preso na mistura de areia, lama e galhos do fundo e estava se afogando. Os outros companheiros não queriam ir até lá porque sabiam do perigo, mas o Tico era corajoso e foi salvar o amigo. Quase se afogou, pois havia muitos galhos e aquele que estava preso se agarrou nele e o estava puxando cada vez mais para o lodo. Com muito custo conseguiu tirar o amigo para a margem e quase que o meu tio é que se afoga.

Daí que o meu avô ficou muito irado, pois pela bravura e coragem dele, o amigo seria salvo e ele morreria. Por isso que ele disse que preferia um filho covarde, mas **VIVO**.

Para saber mais:

Neyd Maria Makiolka Montingelli - Nascida em Curitiba, a cidade dos casacos, casada com Tadeu Antonio Montingelli, mãe de 4 filhas e agora avó de um lindo netinho. Formou-se em Psicologia pela Universidade Tuiuti, mas durante sua vida, fez outros cursos, pós graduações e especializações conforme o trabalho ia exigindo. Trabalhou na Caixa Econômica Federal e por lá se aposentou. Teve um Laticínio e se especializou em queijos e derivados finos com o Leite de Cabra. Compartilha seus conhecimentos sobre leite e queijos com produtores em sites na internet gratuitamente. Escreveu o primeiro livro em 2007, *Culinária com Produtos Caprinos*, o segundo foi um presente para a filha que ia casar e não parou mais. Os outros 60 livros são histórias do tempo de trabalho, da família e agora escreve contos e poesias. Site: www.neydmontingelli.com.br.



CANDABUL

Por Boris de Pedra

CONTO

Ofélia, uma bela e formosa moça, a todos encantava com sua beleza, morava com seus pais na Quinta de Don Álvaro, em uma residência rústica, onde cultivavam uvas. Naquele ano, apesar do plantio, não houve colheita. Assim, Don Álvaro preocupado buscou ajuda na paróquia, fizeram novenas e orações, mas não obteve resultado. Então, veio a saber de Maticabel, uma espécie de mágico feiticeiro que andava por aquelas bandas. Tinha fama de resolver problemas, o homem que fazia chover.

Assim, com seus feitiços, obtiveram uma boa colheita, ao mesmo tempo, despertou o medo entre os inocentes camponeses que ficaram com receio de sua fama de bruxo.

Então, Maticabel pode descansar, com moedas de ouro, mesa farta, vinho, festas e cantorias. Foi então que seus olhos observaram Ofélia, a bela e formosa jovem que o encantou. No entanto, seus pais não ficaram satisfeitos com o interesse do bruxo de meia idade pela filha, ao qual sabendo dos seus dotes, na idade de se casar, apesar da origem humilde.

Diante da situação da eminente recusa dos pais, já estando apaixonado pela jovem, não teve dúvidas sobre os seus sentimentos, passou por cima da vontade deles e até mesmo da própria Ofélia, que não se deixou iludir por seus encantos. Maticabel, envolvido pela ilusão do amor, raptou Ofélia.

Ele a levou para o cativoiro. Não lhe ocorreu que Ofélia não compartilhasse com ele dos mesmos sentimentos. Cego de paixão não observou esse detalhe, no entanto, o cativoiro era a casa de Langarrona, uma velha feiticeira que andava montada em um bode. Por estar cego de paixão, pensou em buscar com a bruxa alguma poção mágica que deixasse Ofélia apaixonada. Algo que funcionasse como uma flecha de cupido.

...

Candabul, filho de Langarrona, a bruxa que andava montada em um bode. Logo o mancebo se encantou com Ofélia. Dessa vez a camponesa compartilhou do mesmo sentimento. O filho de Langarrona se apaixonou pela bela camponesa, sendo correspondido. Mas havia um contratempo que impedia a história de amor. O inconveniente atendia pelo nome de Maticabel.

Enciumado, Candabul resolveu dar cabo do seu rival. Preparou-lhe uma emboscada em um local escuro e sem testemunhas. Com a morte de Maticabel, estariam as portas abertas para viver um grande amor. Apesar de Candabul ter executado sua ação de forma discreta, agindo sobre as sombras, assim mesmo é acusado pelo assassinato de Maticabel, sendo preso e condenado à morte por enforcamento.

Langarrona, sua mãe, para libertá-lo faz um feitiço, deixando Candabul invisível, assim consegue fugir de sua sentença de morte. Em comum acordo decidem que Ofélia retornaria à sua casa, dando as boas novas para os pais, a liberdade do cativoiro de Maticabel, sendo salva por seu príncipe encantado, o jovem feiticeiro Candabul. No entanto, os pais de Ofélia ficam felizes com o retorno da filha, no entanto, mais uma vez, não lhes agrada a ideia de ter um feiticeiro como membro da família.

Os pais de Ofélia não deixam que volte para os braços de Candabul. Então buscam casá-la com outro pretendente, buscam um nobre fidalgo. Candabul se desespera. Usando de seus feitiços consegue matar o pretendente. E todos os outros que os pais de Ofélia conseguiam,

passando a ser conhecida como a "sempre noiva". O ódio, pela recusa dos pais, surgiu em seu coração, transformando-o em um homem mau, estendendo seus feitiços que atingiram as plantações de Don Álvaro.

Candabul foi preso outra vez e com sua reclusão, os pais de Ofélia puderam organizar o casamento da filha com o tão sonhado nobre fidalgo. Um bom homem chamado Fabrício. Casaram e foram viver em terras distantes. Candabul não se deu por vencido, mesmo com sua execução marcada.

No entanto, sua mãe entra em cena outra vez, buscando libertar o filho das garras da lei e da morte na forca. Na noite anterior à execução, sombras negras envolvidas em fogo surgem na prisão, causando alvoroço entre os guardas, apesar do susto, Candabul continuou atrás das grades. Na manhã seguinte, foi levado para sua execução, de repente o sol ensolarado da manhã cede espaço para nuvens que fecharam o tempo. O céu ficou escuro. Raios, trovões e relâmpagos. O povo ficou assustado com as nuvens negras feitas de sombras.

Mesmo com a comoção geral com a mudança do clima, o carrasco deu seguimento a sentença, mas iniciou-se um temporal que impossibilitou o uso da forca. Candabul, então, foi encapuzado e o mataram afogado em uma tina de água. Após a morte, deveria ser esquartejado. No entanto, para o susto de todos, o cadáver de Candabul, aos olhos do presentes, sob forte chuva se transformou em um burro. Fugiu e foi parar nas terras de Fabrício, buscando por sua amada Ofélia.

Naquele mesmo dia, antes de escurecer, já de tardinha, alguns populares acompanhados de autoridades locais, foram de encontro da bruxa, pois acreditavam que estava por trás do mau tempo, que com sua feitiçaria virou um burro e foi pastar nas terras do nobre fidalgo, Fabrício, que veio a se casar com sua amada Ofélia.

Ao chegarem em seu antro, onde fazia seus feitiços diabólicos, flagraram a bruxa em pleno transe, em êxtase, sob efeito de suas poções mágicas em contato direto com entidades sobrenaturais, fazendo um novo bruxedo, não teve a percepção da chegada de seus algozes, que lhe invadiram a casa.

Então, como vingança, o espírito desencarnado de Maticabel, se alimentando do ódio do povo que ali estava, fez se presente, como se fosse uma sombra negra, aproximando-se de Langarrona que fora de si entoava um feitiço:

— Olanta In Pus Nigayo Negabus Ole Olaô Merminhô Nhô Nhô.

Foram suas últimas palavras, antes que o fantasma, o espírito desencarnado de Maticabel, a empurrasse para dentro do seu caldeirão que fervia.

Para saber mais:

Boris de Pedra é autor de “O Vendedor de Funerária” e “Poção Mágica”, ambos editados pela Fábrica de Ebooks. Blog: borisdepetra.blogspot.com.br. E-mail: ccarlospompeu@gmail.com.



MICRO DESUMANIDADES

Por Amanda Leonardi

CONTO

Um dia desses, um amigo me perguntou onde consegui uma micro caveira que carrego comigo por todo lugar, sempre guardada no bolso. Uma caveira tão realista que, não fosse por seu peculiar tamanho diminuto, poderia-se jurar ter pertencido a um ser humano. Respondi que ele não acreditaria se eu lhe contasse a real história daquela caveira ou do motivo pelo qual a carrego comigo. Mas contei – porém, o que vou contar sobre meu sombrio ouvinte me intrigara mais ainda. Tudo começou, assim como começam muitas histórias, ainda na infância.

Eu tinha oito anos e era só mais uma criança normal que, assim como outras, vez que outra se divertia com atos cruéis. Nada demais, eram só insetos no início. Temperar lesmas com sal e torrar formigas com lupas de escola. Eram só pequenas vidas tiradas apenas para minha diversão, eram insetos ou pequenos moluscos, eles poderiam morrer de qualquer forma se alguém acidentalmente pisasse neles, não? E certo que isso ocorreria, eles andavam pelo caminho de todo mundo. E foi com esse pensamento que encontrei, perdidos entre os arbustos de um parque perto da escola, os micro humanos. Eram idênticos a pessoas normais, mas mediam menos de cinco centímetros de altura (os adultos!). Suas vozes eram extremamente baixas, mas eu podia ouvir o suficiente para entender que possuíam linguagem própria e se comunicavam assim como nós. E viviam em uma espécie de comunidade bem organizada.

No primeiro dia em que os vi, havia saído da aula mais cedo após terminar uma prova de ciências que me deixara intrigado. O tema da prova tinha algo a ver com os órgãos humanos e uma questão era sobre a pele ser o maior órgão humano. Saí da prova imaginando como seria tirar a pele inteira de uma pessoa e depois esticar a pele, como um cobertor cheio de sangue. Mas isso era coisa que só podia acontecer em filmes de terror, eu jamais faria isso com um ser humano, pensava. Não com uma pessoa de verdade, que pense e fale e seja meu semelhante. Tais idéias foram essenciais para apoiar minhas ações sádicas ao encontrar os micro humanos. Eles pensavam, sim, e falavam, mas eu mal podia ouvi-los e eles pareciam brinquedos. Mas bem melhores. Brinquedos que gritavam, que sangravam e com os quais eu podia fazer experiências das mais terríveis, jamais sonhadas por muitos daqueles pobres micro humanos. Porém, pesadelos reais nunca são sonhados anteriormente, são?

Eu era só uma criança. O pouco de senso de moral que tinha na época me servia para me impedir de tentar cometer tais atos contra humanos de estatura comum. No entanto, que mal faria torturar e matar criaturas que nem chegavam a medir cinco centímetros e de cujas vidas ninguém sequer sabia da existência mesmo? Era divertido, eu me sentia um deus diabólico, com poder sobre cada uma daquelas micro vidas. No primeiro dia, comecei os observando, escondido por detrás de arbustos que cercavam sua pequena civilização – ou vizinhança, pois não eram em grande número, se existissem trinta deles era muita coisa. Não usavam qualquer forma de vestuário, dormiam sob folhas e alimentavam-se de pedacinhos de grama. Antes de ir para casa, peguei um deles pelos cabelos (que pareciam cílios, de tão pequenos), com um só nó de um cadarço de tênis, amarrei seus micro braços e pernas e o guardei no bolso. Ao chegar em casa, fechei a porta do quarto e comecei a brincar com meu novo brinquedo.

Com um estilete, fiz um corte pequeno, vertical, que atravessara pela lateral todo o micro corpo da diminuta criatura, do pé até a cabeça. A criatura estava desmaiada – ficara sem ar, presa no meu bolso, mas sobrevivera e acordara com a dor do corte, e seus gritos, quase inaudíveis, eram

abafados pelo som da TV vindo da sala ao lado. Com um movimento simples e rápido, com a ponta do indicador e do polegar direito, segurei a pele pelo lado onde fizera o corte e, como se desempacotasse um chocolate meio derretido, que gruda na embalagem, e puxei-a, desgrudando-a da carne. O sangue escorria vermelho vivo e em uma quantidade assustadora para um ser tão pequeno – era como se fosse um saquinho de ketchup estourado. A TV fora desligada no cômodo ao lado. O ruído do pequeno grito subira um tom que chegara a me assustar, mas em menos de um segundo cessara por completo. Eu tinha então um mini cadáver em mãos. Quem acreditaria que um dia houvera vida em algo tão minúsculo, menor do que bonecos de brinquedo, e com forma humana?

Após observar que a criaturinha estava morta, brinquei de desmontar seu cadáver. Com uma tesoura de escola, cortei os membros e a cabeça. Peguei uma agulha para remover os micro olhos; um deles caiu no chão quando o puxei e nunca mais o encontrei, de tão minúsculo que era. O outro, consegui removê-lo e o observar com calma sob a luz: mal media mais do que a cabeça da agulha e parecia ser todo vermelho (óbvio, estava ensopado de sangue!). Quando cansei de explorar os pequenos restos mortais do micro humano, enrolei seus membros e sua cabeça na pele, que havia arrancado, e guardei em uma sacola, na mochila, para despejar no lago no dia seguinte.

Ao sair da escola no outro dia, mudei de ideia. Usaria o cadáver para aterrorizar seus semelhantes. Eram só como formigas com forma humana, qual era a grande maldade nisso afinal? Quase nem eram vidas! Quase? Não importa, ou era o que eu pensava. Mas o que fiz com a pequena civilização foi um pesadelo em terra. Nenhuma das crianças da escola sonhava que um de seus coleguinhos fosse capaz de tal atrocidade para com seres vivos. Mas eu era. E enfatizo – era. O que fiz foi o seguinte: saí da aula e fui direto para o arbusto dos micro humanos. Chegando lá, vi que poucos deles (só dois) estavam andando livremente, sem se esconder. Observei muitas folhas que tremiam – onde eles se escondiam. Escondiam-se do demônio que sequestrara um deles. Mal sabiam eles que o pior estava por vir.

Afastei o arbusto por onde me escondi no dia anterior. A maioria deles tentou correr, mas eu trouxera comigo uma caixa de tênis velha. Peguei todos com as duas mãos, como se estivesse a colher laranjas, e os joguei na caixa. Levei a caixa para casa, me fechei no quarto e liguei o som, para abafar quaisquer possíveis gritos, os quais imaginei que poderiam ser mais altos com o que eu planejava fazer agora. Tirei a sacola com o micro cadáver do bolso, peguei a micro cabeça decapitada, sem olhos e sem pele e a joguei sobre os outros dentro da caixa.

Seus mini gritos chegaram a ser claramente audíveis (ainda bem que eu havia ligado o som, assim eles não chegariam a ser ouvidos fora do quarto!) e muitos deles desmaiaram ao ver o que eu lhes atirara - e como eu ria de tudo aquilo. Eu era uma criança monstruosa, sem dúvida alguma. Agora vejo isso. Naquele dia, tal ato era a maior diversão possível. Peguei a tesoura que trouxera comigo e comecei a cortar os membros de vários outros deles; depois, peguei um deles e costurei mais de dez membros em um tronco ainda vivo, que ainda tremia de dor, mas não mais tinha forças para tentar se soltar como fizera quando cortei seus membros (apesar de sua força ser tanta quanto à de uma borboleta, ainda era mais forte do que então).

Em questão de menos de duas horas, eu tinha uma caixa cheia de sangue e pedacinhos de carne morta. Outras crianças dissecam ratos para aulas, qual era a diferença? Eles eram menores do que ratos, afinal. Antes de me desfazer deles, resolvi que precisava guardar algo de lembrança daquela aventura macabra. Peguei o primeiro que matei e, com o mesmo estilete usado para arrancar sua pele, fui tirando a carne, desfiando-a lentamente, até encontrar o osso. Joguei a carne em uma sacola (pois já começara a se decompor, após um dia de eu ter matado a criatura) e, cuidando para ver se ninguém da família estava em casa, levei o pequeno crânio até o banheiro e o lavei. Guardei a caveira no fundo do armário, dentro de uma caixa de sabonete. Os restos mortais dos outros, joguei na mesma sacola onde depositara as carnes do primeiro. Enrolei tudo em jornal, coloquei em outra sacola e dentro da mochila que eu levava todo dia na escola. Nem ocupo muito espaço. Admirável a insignificância que a crueldade concede a vidas inteiras. Mas eram quase insetos, não?

Não, não eram. Eram tão humanos quanto qualquer pessoa – mais humanos do que eu, provavelmente. Compreendi tudo isso da pior forma possível. Ao revelar tal história a meu amigo – o qual eu jamais achei que fosse acreditar ou mesmo entender – tive uma resposta que nunca queria ter ouvido. Disse a ele que aquela caveira pertencia ao primeiro micro humano que eu havia matado, contei-lhe toda a história sobre o que eu fiz.

Ele não se espantou nem riu, mas uma expressão séria e de um prazer sádico inundara seus cinzentos olhos. “Você acha que não tem problemas ter feito isso tudo porque eles eram minúsculos? Porque suas vidas não importavam para o resto do mundo? Olhe para o céu, meu amigo, consegue imaginar o tamanho das estrelas? Das galáxias? Micro vidas têm o mesmo valor do que as nossas” – acreditei que ele estava me repreendendo, até ele pausar, dar uma breve risada sarcástica e retomar o assunto, sorrindo - “ou seja, nenhum. Acha que eu sequer guardaria as caveiras das minhas vítimas? Para quê? Logo mais matarei outra e então mais outra e assim por diante. Quando matamos, não importa o tamanho da vítima, sempre serão insignificantes, pois não têm poder sobre nós, e ninguém mais terá enquanto formos nós aqueles que subtraem o que a natureza adiciona – somos os anti-vida, meu amigo, aceite sua natureza. Não tente se justificar, aceite-se, você matou. E não foi por que eles eram do tamanho de insetos ou quase isso, que seja, mas por que queria matar, porque podia e porque sua natureza assim o fez. Se não formos capturados, seremos acima da lei, como pregava Raskólnikov, podendo tomar o mundo que é nosso. Olha, meu amigo, não existe inferno, mas existe a Terra, e o inferno aqui. Prefere ser um demônio ou uma alma torturada?”

Eu o ouvi em silêncio até que ele encerrasse seu discurso. No fim, fingi concordar com suas frases sem piscar os olhos. E o convidei para vir jantar em minha casa do interior na semana seguinte. Ele me abriu os olhos, me mostrara quem eu era. Mas eu não queria ser como ele, um predador, que se acredita superior por seguir instintos cruéis, fazendo aquilo que qualquer pessoa poderia fazer se quisesse tornar o mundo uma selva pior do que já é. Porém, fingi concordar com ele. Sempre soube fingir muito bem – a arte de mentir é uma arte refinada, é preciso sentir que o que se diz é verdadeiro para que soe como tal. Menti tão bem que parecia verdade até para mim mesmo quando disse que concordava.

Quando, no jantar em minha casa do interior, disse que eu seguiria matando, agora qualquer pessoa, indiscriminadamente, só para saciar minha sede de sangue, conforme ele me aconselhava. Menti tão bem que acabei acreditando completamente em mim mesmo naquela noite. Até me convencer de que eu não mentia, não por completo. E tinha a vítima perfeita sentada à minha frente, brindando com meu vinho. Com meu vinho abençoado pelo espírito do homicídio, que o faria desabar sobre a mesa em poucos segundos. Ele abriu meus olhos para o monstro que se escondia em mim, não era justo que eu fechasse os olhos do monstro que o possuía noite e dia?

Agora tenho duas caveiras, uma micro e uma em tamanho real, esta última eu limpei com muito mais cuidado do que a primeira, jogando fora todo o sangue ensopado de pensamentos sádicos. Ainda sonho em colecioná-las, afinal, há muitos outros monstros como ele por aí. Ele me dissera que eu deveria aceitar meu lado homicida. Enfim, acredito que, com cautela, posso aumentar minha coleção de cabeças vazias, ao mesmo tempo em que limpo do mundo mais predadores anti-vida como ele. Serei desumano, sim, mas somente com aqueles que consideram o resto da humanidade inferior a eles. Afinal, que são algumas micro desumanidades para criaturas como ele?

Para saber mais:

Amanda Leonardi - nascida em Porto Alegre, em 23 de agosto de 1991. Escritora e tradutora, escreve para os sites Literatortura e Indique um livro, participou das antologias Estrada para o Inferno, da editora Argonautas, King Edgar Hotel, Legado de Sangue e Horas Sombrias da editora Andross, As Quatro Estações, da editora Multifoco, do ebook Contos de Terror, da Fábrica de Ebooks e organizou a antologia online A Taverna do Amontillado, publicada pela plataforma de e-books Wattpad.

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO DE CONEXÃO
LITERATURA
(JANEIRO/2016)**

ACESSE: www.fabricadeebooks.com.br/participar_de_conexao_literatura.html

OU SOLICITE MAIS INFORMAÇÕES, ESCREVA PARA:

pascale@cranik.com

PARA DIVULGAR ESTA EDIÇÃO, USE O LINK:

www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura6.pdf

OU

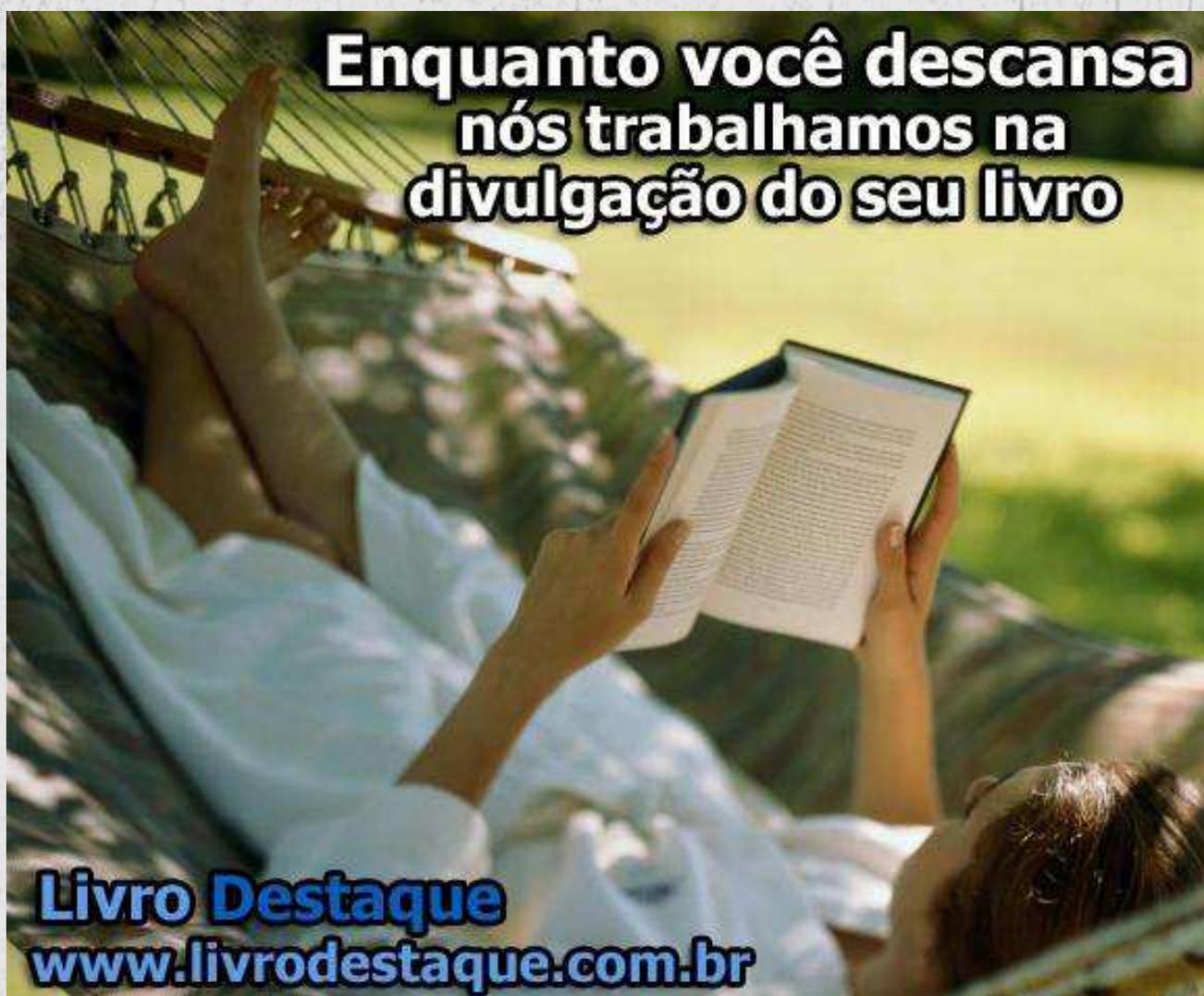
www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura.html

UMA PARCERIA

www.fabricadeebooks.com.br

E

www.livrodestaque.com.br



A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.